

Gary Chapman
& Chris Fabry

Um
conto de
casamento



MC

GARY CHAPMAN & CHRIS FABRY

UM CONTO DE
CASAMENTO

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA


mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2011 por Chris Fabry e Gary Chapman
Publicado originalmente por River North Fiction, uma divisão da Moody Publishers, Chicago,
Illinois, EUA.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios
(eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da
editora.

Preparação: Daila Fanny
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Luciana Di Iorio
Diagramação para e-book: Felipe Marques
Capa: Ricardo Shoji

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C431c

Chapman, Gary

Um conto de casamento [recurso eletrônico] / Gary Chapman , Chris Fabry; tradução Maria
Emília de Oliveira. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2017.

recurso digital

Tradução de: A marriage carol

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-433-0219-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Fabry, Chris. II. Oliveira, Maria Emília de. III.
Título.

16-38626

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Categoria: Ficção

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: junho de 2017

Para os feridos, os indiferentes e todos os que lutam.

Que esta história proporcione calor, vida e, acima de tudo, esperança.

Sumário

Prelúdio

1. O atalho

2. Sozinha

3. A primeira escolha

4. O outro homem

5. O erro

Poslúdio

Prelúdio

Eu sei o que você vai dizer. Casou-se com a pessoa errada.

Eu sei porque foi o que eu disse. Mas isso ocorreu antes do nosso inverno de insatisfação e dos planos que fizemos naquela véspera de Natal. Foi antes da neve.

A neve ensinou-me uma coisa. Ela sempre ensina, se permitirmos. Aprendi que é perigoso ter os olhos abertos. É perigoso enxergar. É perigoso amar.

Se tivéssemos simplesmente *gostado* um do outro tanto tempo atrás, se estivéssemos apenas à procura da “felicidade”, as coisas seriam mais fáceis. Quando estamos preocupados somente em nos sentir melhor, seguimos em frente, pegamos nossa bagagem, descemos do trem e continuamos a olhar. O amor, porém, torna-nos vulneráveis ao frio. O amor nos chama para fora, para a nevasca de um trêmulo e vacilante globo de neve, onde não há nenhum controle, onde nos encontramos nus em meio ao vento gélido, procurando o lugar onde havia proteção.

Não podemos planejar o amor. Não podemos ser contra o amor quando ele chega. O amor verdadeiro não termina tão logo o outro vai embora. Podemos abandonar uma pessoa, uma família, algum lugar do coração, mas as cicatrizes e as lembranças não podem ser descartadas como se fossem roupas usadas. O amor, desde que verdadeiro, não pode ser abandonado, porque não se origina de nós, mas de uma nascente invisível. Essa Fonte fornece os nutrientes e a umidade para a alma.

Você dirá, claro, que nunca teve um amor verdadeiro. Ele começou errado. Ou que seu amor congelou com o passar do tempo. Ainda que duro como pedra, o amor não pode ser exterminado, as águas não podem ser represadas. O amor sempre encontra um caminho, mesmo que as gotas d'água se transformem em cristais de gelo.

Isto é o que eu sei. Nossas vidas se interligam pelas escolhas que fazemos, e estas são como flocos de neve acumulando-se ao redor de nós até o momento em que o calor que sentimos internamente adormece,

murcha e morre. Somos, então, deixados à própria sorte e sofremos as consequências. O coração sente-se atraído pelo calor da primavera, do sol e da vida. Com amor, caminhamos com propósito e intuitivamente. Sem amor, tropeçamos e procuramos, às cegas, o caminho estreito.

Vou lhe contar o que aconteceu. Embora seja doloroso, vou lhe mostrar a verdade. Oro para que me ouça com atenção. Oro para que você deixe transparecer uma pequena parte sua, uma fresta desse bom coração, um vislumbre de seu olhar, algo em seu interior que lhe diga que este é o caminho, que esta é a vereda através da nevasca acumulada em sua vida. Deve haver alguma parte em você que acredita em milagres; que a morte não é o fim, embora pareça ser. Que aquilo que foi colocado dentro de um túmulo fechado volta a viver.

Eu sonhava com o amor como se ele fosse uma lembrança. Tocava o espelho e o desembrava para ver meu reflexo, indistinto e indefinido. Ansiava por ter uma visão clara da vida. Aquilo era o que o espelho me oferecia. O que eu via em mim era uma terra deserta e árida.

Não existe lugar improdutivo na terra no qual o amor não possa crescer e transformar-se em jardim. Nem mesmo o seu coração.

Capítulo 1

– **Quando vamos contar** às crianças?

Ele disse isso sem sentimento, sem emoção, sem dar peso às palavras. Disse como se estivesse perguntando qual foi a última cotação das ações da Microsoft ou do Google. Foram suas primeiras palavras depois de quase vinte minutos em que estávamos no carro. No aniversário de nosso casamento.

– Depois do Natal – respondi, no mesmo tom e com a mesma frieza dele. – Não esta noite, nem amanhã.

– Você não acha que eles já sabem? Pelo menos que há alguma coisa no ar?

– David não sabe. É muito pequeno. Justin faz perguntas e me fita com aquele olhar de cachorrinho abandonado, mas não diz nada. É com Becca que me preocupo.

– As crianças são maleáveis. Mesmo que não saibam, vão entender. É para o bem delas. E de todos nós.

Espero que ele esteja certo.

– Daqui em diante elas vão ter dois Natais – ele disse.

Os limpadores de para-brisa movimentam-se em seu próprio ritmo, à medida que a neve cai como chuva. A paisagem se escondera sob a camada branca, aumentando o volume da nevasca anterior, que ainda não derreteria por completo. A estrada, até onde a vista alcançava, tinha um brilho negro ameaçador em razão da umidade e da queda da temperatura. Os carros adiante de nós subiam lentamente enquanto Jacob pisava no acelerador, aproximando-se do carro à nossa frente, à espera de uma oportunidade para ultrapassá-lo.

– Você tem certeza de que ele está no escritório? – perguntei, olhando pela janela e cruzando os braços à espera do impacto. – Com este tempo? Na véspera do Natal?

– Ele ainda está lá. Liguei antes de sairmos de casa. Os papéis estão prontos.

– Ele tem família? – perguntei.

– O quê? – ele disse essas palavras com uma boa dose de condescendência, seguida de um olhar que não pude suportar. O olhar que talvez eu não visse mais pelo resto da vida.

– Ele tem família? Mulher? Filhos?

– Não faço ideia. – Mais condescendência. – Eu não sabia que isso era um pré-requisito para você.

– Não é. Apenas curiosidade. Trabalhar na véspera de Natal. Não é de admirar que ele seja um advogado especialista em divórcios.

Palavras suficientes para uma discussão amena. O silêncio envolveu-o, e ele ligou o rádio numa emissora de notícias. Causou-me surpresa ele não ter feito isso antes. O relógio marcava 15h18 no momento em que anunciaram um intervalo comercial no programa radiofônico. Um anúncio sobre camas ajustáveis. Trânsito local e previsão do tempo. Cruzamentos emaranhados e previsão de tempo frio. Espera-se um Natal com ainda mais neve. Vários milímetros de neve. Talvez até centímetros. Aproximação de uma frente fria e outras precipitações em lugares mais elevados.

– Podemos ouvir alguma coisa melhor? – perguntei.

Ele se segurou para não ralar comigo e apertou o botão FM. Era o carro dele, portanto não havia nada programado em FM. Ele apertou o botão “busca”.

– Pare a busca quando você ouvir algo que lhe agrade – ele instruiu, com o cenho franzido.

Não quis ouvir Gene Autry cantando *Rudolph, sua famosa música natalina*. A canção me fez pensar com tristeza nas crianças. Principalmente em David, que ainda acreditava em Papai Noel e renas. Na estação seguinte, o cantor porto-riquenho José Feliciano cantava sua última gravação de *Feliz Navidad*. Do lado esquerdo do dial, a emissora cristã local tocava mais uma versão de *Noite Feliz*. Não consegui continuar a ouvir em razão da culpa que sentia pelo que estávamos fazendo.

Paul McCartney disse que o bom-humor reinava e que o espírito se elevava, e que ele simplesmente sentia um clima maravilhoso de Natal. Eu gostaria de poder dizer o mesmo. A banda Journey cantava *Don't stop believin*, mas eu havia parado havia muito tempo, pelo menos no que se referia ao nosso casamento. Não era o que planejáramos vinte anos atrás,

embora a tempestade de neve fosse semelhante. Vinte vésperas de Natal depois que atravesssei o corredor da igreja trajando um vestido que minha mãe e eu escolhemos, agora eu usava um casaco, calça *jeans*, camiseta velha e um par de tênis, seguindo pela estrada escorregadia rumo a um divórcio amigável.

Eu ficaria com as crianças e o passarinho (um cão faria muita sujeira, e um gato causaria alergia em Jacob). Ele se mudaria para um apartamento depois do ano-novo. Jacob prometeu permanecer envolvido com a família. Não havia outra mulher, até onde eu sabia, até onde ele dizia. Nosso problema não era esse. Era muito mais que infidelidade.

Parei a busca. A cantora inglesa Imogen Heap estava cantando. Absolutamente nada sobre Natal. Apenas uma música estranha e uma voz sintetizada, que me levaram para longe do presente. O presente deveria ser uma dádiva. Eu sei, já ouvi isso antes.

— Cansei desta rodovia — Jacob disse. — Vou pegar um atalho.

— Subir a colina? Com este tempo? — dois questionamentos para uma afirmação categórica dele.

— Vou cortar o caminho pela metade. Ninguém vai pela estrada County Line.

— Você não acha que deveríamos permanecer na rodovia, já que removeram a neve dela?

Ele não fez caso de meu pedido e deu uma guinada à esquerda. A traseira do carro derrapou para a direita. Agarrei o apoio da porta do carro instintivamente enquanto ele corrigia a manobra. Vi aquela sacudida de cabeça que só ele sabe dar, aquela sacudida de cabeça que faz a gente revirar os olhos e suspirar ao lado.

— Confie em mim pelo menos uma vez, tá? — ele disse.

Eu queria falar dos milhares de vezes em que tentei confiar nele. Dos milhares de vezes que me decepcionei. Durante vinte anos procurei motivos para confiar cegamente nele. Mas como confiar em alguém que não lhe deu a vida que você queria? Houve instantes de carinho, uma dúzia de rosas para dizer: “Sinto muito”, mas as rosas murcharam e morreram. E, então, começamos a viajar assim, ele na estrada principal, eu na secundária, separados, mas como se estivéssemos indo para a mesma direção. Duas luas orbitando em torno do mesmo planeta, porém raramente se cruzando.

– Não quero que as crianças tenham de ir ao nosso enterro – resmunguei.

Ele pisou com força no freio e dei um grito enquanto o carro derrapava novamente. Direção passivo-agressiva é a especialidade dele.

– Tudo bem, vou dar meia-volta.

Com as mãos na cabeça, olhos cheios de lágrimas, desliguei o rádio e me ouvi dizer:

– Não, vá em frente.



A estrada County Line era uma de minhas favoritas. Quando Becca era pequena, eu pegava o atalho na montanha durante o verão, quando as flores cobriam as colinas, para mostrar a ela como as outras pessoas viviam – não espremidas dentro de casas tão perto umas das outras que não se podia respirar, mas em lugares espaçosos, com vacas pastando pelos campos, cavalos aproveitando as pastagens verdes e pessoas vivendo mais perto da terra, não como hamsters em gaiolas. Na infância, eu tinha o sonho de morar num haras para poder cavalgar todos os dias, alimentar os cavalos com aveia e maçãs e limpar os estábulos. Esse sonho, porém, morreu pouco a pouco: quatro cascos mortos despontando na neve junto com o sonho de uma família feliz, um bom casamento, realizações, propósitos e um amor que durasse a vida inteira.

Jacob ligou o rádio enquanto subíamos montanha acima, evidentemente perturbado pelo silêncio que voltara a reinar. As aparições do Papai Noel, monitoradas pelo meteorologista, deram lugar a um engavetamento de nove carros e o fechamento da rodovia interestadual.

– Eu falei que seria mais inteligente pegar a County Line – ele disse. Eu não chamaria isso de arrogância. Jacob não era capaz de ser arrogante. Era mais um rio de indiferença. Talvez fosse isso. Ele era o rio, eu era a rodovia. A paixão terminara. Teria existido? É difícil lembrar-se do fogo quando as brasas estão cobertas de neve. Sim, existiu em determinada época, mas os dinossauros também existiram.

Seria melhor para nós, nos aconselharam, se decidíssemos a distribuição de nossos bens – a casa, os carros e os filhos – antes de partir para o tribunal. O advogado me representaria, uma vez que ele não poderia

representar nós dois, mas havíamos decidido amigavelmente o destino de cada coisa, até mesmo do passarinho e dos celulares. O advogado nos dissera que, se o tribunal tem de se envolver na decisão de quem fica com a mesinha de café e de como serão as visitas, o processo se banaliza e as crianças são as que mais sofrem.

“Não transfiram o controle do futuro de sua família a um juiz”, o advogado dissera em nossa última consulta. “O juiz não quer ser o pai ou a mãe. Quer que vocês planejem o que é melhor para os filhos. Façam isso agora, e pouparão sofrimento no tribunal. Vocês não vão querer que um juiz decida quem deve passar mais tempo com os filhos.”

Estávamos fazendo o melhor possível. Éramos dois adultos, tentando assimilar o sofrimento de nossas escolhas e as mudanças que nos transformaram em pessoas tão diferentes. Estávamos poupando nossa prole de mais sofrimento, impedindo que tivessem acesso ao *show* de horror que foi nosso casamento. A distância entre nós, sentados à mesma mesa de refeições, era de quilômetros; havia um frio amargo em nosso relacionamento, e estávamos patinando sobre uma camada fina e precária de gelo. E este era nosso esforço para agir com responsabilidade: afastar a família antes que a superfície quebrasse sob nossos pés. Estávamos também poupando Jacob de gastar uma tonelada de dinheiro, sua verdadeira preocupação naquele instante. Se ele pudesse ter comprado o divórcio num supermercado, teria feito isso. E teria usado um cupom de desconto.

— Está lembrando de alguma coisa? — Jacob perguntou. Sua voz forçou-me a voltar à realidade.

— O comercial?

— Não, a neve. Lembra-se de algum acontecimento no passado?

— Parece com nossa lua de mel — respondi, com indiferença.

— Naquela época, você também não confiava em minha capacidade de dirigir.

— Eu não estava preocupada com isso.

— Como assim?

Um suspiro profundo.

— Nada. Estava morrendo de medo naquela noite.

— Morrendo de medo? De mim?

— Morrendo de medo do que acabáramos de fazer. De que não durasse.

De que eu não fosse a esposa dos seus sonhos.

— Ou que eu não fosse o homem que você queria. Acho que esses medos se transformaram em realidade — ele replicou, dizendo o óbvio.

— É verdade. Só demorou mais do que eu imaginei — disse eu, olhando fixamente a escuridão precoce de dezembro pela janela. As nuvens escondiam o sol e pairavam sobre nós como fantasmas, derramando lágrimas molhadas das comportas do céu. Subíamos cada vez mais a encosta do monte solitário, impecável. Imensas áreas de pastagem e árvores olhavam de volta para mim.

Ele sacudiu a cabeça e abaixou um pouco o volume do rádio.

— Se isto faz diferença, lamento muito que tenha sido assim.

De repente, tudo aquilo pareceu quase sincero. Virei o rosto e vi que ele me fitava. Éramos crianças quando nos casamos, e isso fazia parte do problema. O “Eu aceito” transformara-se nas famosas últimas palavras. O cabelo dele, antes espesso e esvoaçante, tornou-se grisalho e raleava em ritmo constante, pelo tempo cruel e inexorável. Ele se recusara a usar lentes de contato, preferindo o mesmo estilo de óculos que saíra de moda e retornara da mesma forma que meus sapatos de salto alto favoritos. Pés de galinha ao redor dos olhos, as faces rosadas e cheias de vida tornaram-se roliças e desbotadas. Um observador imparcial diria que ele ainda era bonito, ar angelical. Mas eu não era uma observadora imparcial. Não a ponto de afirmar que seu ligeiro aumento de peso fizesse diferença para mim. Sempre o achei bonito.

— Sua irmã ligou antes de partirmos — ele falou, mudando de assunto durante minha pausa demorada. — Eu disse que você ligaria de volta.

Minha irmã. A mãe cristã. Carinhosa, bondosa e tão doce quanto uma cobertura para sorvete. Mesmo assim, inacessível. Por mais que ela se dissesse capaz, não conseguiria entender nossos problemas. E — você não adivinha — ela revelou o segredo a nossos pais e contou que nosso casamento estava balançando.

Ele me encarou, mas não consegui fitá-lo nos olhos.

— Vou ligar para ela depois que assinarmos os papéis.

Os olhos dele eram espetaculares, de um azul intenso. Quase opacos. Uma das primeiras lembranças que guardo dele. Aqueles olhos — quase penetravam a alma, assim me parecia.

Quando ergui a cabeça, estávamos nos aproximando de uma curva, e

através do nevoeiro e da nevasca vi dois faróis vindo ameaçadoramente em nossa direção como um futuro próximo. Não consegui gritar, não consegui falar. Apenas apontei com a mão.

Instinto. O pé dele pisou no freio. O volante girou para um lado, depois para o outro. As rodas traseiras derraparam. Buzina de caminhão. Jacob tentou me segurar.

Girando.

No ar.

Fora de controle.

Um globo de neve sacudido e em queda.

Capítulo 2

Despertei, fria e sozinha. As chaves continuavam a balançar na ignição. Uma fumaça cáustica tomou conta do carro — os *air bags* foram acionados e agora pareciam guerreiros feridos. O para-brisa despedaçou-se, e as janelas à minha volta estavam cobertas de gelo. Era um automóvel-iglu. Esfreguei a mão no gelo acumulado no vidro, mas tive de raspá-lo com a unha para poder enxergar. Não havia nada do lado de fora, a não ser um monte de neve, e a porta estava emperrada.

Pulei para o lado do motorista e abri a porta. O fraco alarme avisou-me que a chave continuava na ignição.

— Jacob?

Nenhum som, exceto o da neve caindo. O carro havia parado sobre um banco de neve depois de colidir com alguns vidoeiros franzinos que cresciam ao lado da curva, mas não havia sinal de meu marido. Olhei para ver se encontrava suas pegadas do lado esquerdo do carro, mas não havia nada.

Voltei a entrar no carro, fechei a porta e passei a mão pela cabeça. Nenhum galo. Ajeitei o espelho retrovisor para ver se eu estava sangrando, mas o espelho caiu em minha mão. Nenhum sinal de sangue, mas o espelho mostrou algumas rugas e linhas que eu não havia notado antes. Graças a uma boa tintura, meus cabelos mantinham seu tom acobreado. Os olhos castanhos pareciam cansados e vazios. Nenhuma maquiagem, nem mesmo batom. Se eu estivesse usando touca, poderia fazer parte de uma tragédia *amish*.

Girei a chave na ignição, e o motor estalou, engasgou e tossiu, mas não funcionou. Ao exalar o ar, minha respiração transformou-se em vapor branco, e as mãos começaram a congelar. Abri a porta novamente e gritei o nome de meu marido. Nada, a não ser o eco de minha voz e o tique-tique do gelo e da neve caindo.

Vasculhei a bolsa e peguei o celular. Queria contar às crianças que havíamos sofrido um acidente e, em seguida, ligaria para o serviço de

emergência. Não havia sinal de celular naquela área.

Então era isso! Jacob havia saído dali à busca de um local melhor para ligar para a emergência. “Mas por que saiu do carro sem me avisar?”

Eu tiritava de frio, e todas as vezes que enfiava as mãos nos bolsos do casaco elas pareciam mais frias. As nuvens cobriram o sol, mas ainda estava claro o suficiente para ver a paisagem. Através da nevasca cada vez mais intensa, avistei colinas e árvores, florestas densas e pastagens cobertas com vários centímetros de neve e, em alguns lugares, com camadas de mais de 1 metro, onde o vento soprara com mais força.

Peguei as chaves e saí a pé, olhando ao redor da curva e pela encosta da colina, à procura do caminhão que causou o acidente. A camada de neve na pista parecia um rink de patinação, e lamentei não estar usando botas de neve. Talvez Jacob tivesse seguido o caminhão, na tentativa de ajudar o motorista que, sem dúvida, caíra morro abaixo. Quando contornei a curva anterior à do local do acidente, esperava ver luzes piscando no meio da neblina, a carga do caminhão espalhada pela estrada ou pela colina, mas não havia nada, nenhuma marca de pneus na pista, a não ser a do nosso carro. Nenhum buraco na cerca de proteção. Nenhum motorista morto.

— Jacob! — gritei, e minha voz ecoou na encosta da colina e pelas árvores. A única coisa pior que ouvir a voz de meu marido era não ouvir a voz de meu marido.

O celular continuava sem sinal, e a bateria estava acabando. A noite se aproximava rapidamente, e o frio espalhou-se dos dedos das mãos e dos pés para todo o meu corpo. As únicas pegadas que vinham desde o carro eram as minhas, e as segui de volta. O carro rodopiara 360 graus e, em seguida, 180 graus num banco de neve contra as árvores. Com exceção dos *air bags* e do para-brisa, aparentemente não houve estragos maiores, mas naquele momento eu não estava preocupada com o carro.

Através das árvores e da neve, avistei uma pequena luz, um brilho fraco na encosta do morro. Se fosse uma casa, deveria haver uma estradinha até lá; porém, depois de dar uma rápida olhada na estrada que serpenteava morro acima, afastando-se da casa, decidi que o melhor seria caminhar pela pastagem e subir o morro. Talvez Jacob tivesse ido até lá em busca de ajuda.

Pendurei a bolsa no ombro e comecei a descer a colina. Fui ganhando velocidade e consegui parar quando agarrei uma das estacas da cerca de

proteção. Passei por meio do arame farpado e, alguns passos depois, tropecei em alguma coisa e caí, derrubando todo o conteúdo da bolsa na neve. Meu rosto, mãos e pernas ficaram molhados e doloridos, fustigados pelo vento. Localizei a carteira, o celular e as chaves, e deixei o resto para trás. Fechei o zíper do casaco até onde consegui e iniciei a caminhada pela pastagem. A neve penetrou em meus sapatos, e os tornozelos e as canelas foram as próximas vítimas. Eu daria tudo na vida por um par daquelas meias 3/4 horríveis que Jacob usava, e que eu tanto criticava.

Ao chegar à encosta da colina, perdi a luz de vista. Folhas mortas e galhos secos estalavam e assobiavam sob as camadas de neve. Fui envolvida por uma escuridão assustadora, e senti falta de uma lanterna. Por que não continuei na estrada? Se não fossem as pequenas árvores nas quais eu me sustentava para poder subir a colina, eu teria desistido.

— Jacob?

Um corvo enorme pousou acima de mim na árvore e grasnou, desafiando-me a continuar. Eu estava exausta demais para atirar um galho contra ele, e com frio demais para acertá-lo com uma bola de neve. O corvo grasnou de novo quando me agarrei à árvore para dar o próximo passo e, em seguida, abriu as asas desajeitadamente e voou pela campina até chocar-se contra um toco de árvore. Foi então que avistei um carro na estrada, com as luzes dos faróis iluminando a colina ao passar pela curva. O motorista não diminuiu a velocidade nem mesmo quando passou por nosso carro acidentado. Se eu tivesse ficado ali, teria feito um sinal a ele. Estaria num lugar quente. Ou talvez num carro em companhia de um assassino em série.

Onde está seu marido quando você mais precisa dele? Nunca fui atraída por um homem forte do tipo silencioso, ou por um machão festeiro, mas teria aceitado naquele momento a ajuda de um homem armado, um caçador de esquilos e apreciador de cerveja — para me carregar no colo pelo resto do caminho.

O frio e a umidade cortavam-me o rosto, bem como os arbustos espinhosos que eu atravessava perto do alto da colina. Passei a mão em alguma coisa que me arranhou o rosto, e meus olhos encheram-se de lágrimas. O nariz começou a escorrer, meus lábios estavam amortecidos e os cabelos molhados pela neve derretida que caía das árvores. Minhas coxas, que não eram o ponto alto de minha anatomia, queimavam em

razão da longa subida, mas também estavam geladas. Foi bom eu não ter um espelho naquela hora, porque teria necessidade de algumas sessões de terapia para livrar-me daquela imagem indelével.

Ao chegar ao topo da colina, avistei o brilho aconchegante da casa à distância. Com os pés gelados, atravessei um monte de neve e caminhei em direção à luz amarela. Meu rosto estava tão frio que fiquei com receio de que a pele rachasse se eu abrisse a boca para gritar, portanto limitei-me a pôr um pé adiante do outro. Atravessei o quintal lentamente, com a ajuda da luz que vinha das janelas dos fundos. Não vi o balanço de criança no caminho e bati com a testa nele, e precisei contornar um cavalete, mas finalmente cheguei à lateral da casa e a um caminho limpo que a neve recobria.

Uma lâmpada perto da entrada para carros forneceu luz suficiente para eu encontrar a ampla varanda. Era um sobrado, espaçoso e alto, com uma lâmpada acesa no piso superior. Na janela da frente havia uma árvore de Natal com luzes brancas piscando, que poderia muito bem ser capa de uma revista de decoração. A porta da frente, com seis almofadas, era pintada de vermelho-escuro, com a maçaneta no formato de anel de noivado — ou assim me pareceu. Acima da maçaneta havia uma linda guirlanda feita com sempre-vivas e visco. Se não estivesse sentindo tanto frio, eu teria parado para admirá-la um pouco mais, por isso estendi a mão gelada em direção à maçaneta. Nesse instante, a cortina que cobria as pequenas janelas ao lado da porta movimentou-se ligeiramente, e um cão pequenino encostou o focinho no vidro e latiu.



Som de passos pesados no assoalho. A porta se abriu, e um homem idoso apareceu, estendendo o braço para me levar ao aconchego da sala. Ele era alto e corpulento e, se fosse um ator, seria sempre escolhido para o papel do presidente ou do sargento bravo com seus soldados. Ele trazia um xale nas mãos, e jogou-o por sobre meus ombros com um movimento rápido e enrolou-o firme em meu corpo.

— Você está congelada — ele disse, fechando a porta e ajoelhando-se à minha frente. — Vamos tirar estes sapatos e levá-la para perto da lareira. — O homem tirou os sapatos e as meias molhadas de meus pés. Olhei para

baixo e vi sua cabeça calva, onde os cabelos grisalhos formavam um O perfeito.

— O que você estava fazendo aí fora?

— Houve um acidente — respondi, tiritando. — Não consegui encontrar meu marido. Ele não veio para cá, veio?

— Nós não recebemos nenhuma visita com esta tempestade. Que tipo de acidente?

Expliquei, e ele ouviu atentamente, colocando meus sapatos e meias acima da saída de ar quente, junto ao chão. Levantou-se com um pouco de dificuldade, os joelhos estalando, e olhou para os arranhões em meu rosto.

— Penso que ele foi buscar ajuda ou saiu à procura de um sinal de celular, conforme você sugeriu — ele disse. — Provavelmente está preocupado com você.

“Se ele estava tão preocupado, por que me abandonou, então?”

A água pingava de meus cabelos sobre o piso de madeira brilhante. Tentei permanecer no tapete, para não molhar todo o *hall*. A expressão no rosto dele era acolhedora e bondosa.

— Não se preocupe com a neve. Afinal, é só água. Venha para perto da lareira. Ali você ficará aquecida e confortável.

Escorreguei no chão molhado. Ele segurou meu braço e conduziu-me à sala de estar. Andava com passos mancados. Quando chegamos perto de uma grossa poltrona de couro, ele virou-a de frente para a lareira. Três toras grandes queimavam e estalavam, e o calor e o aroma desprendidos deram-me nova sensação de bem-estar tanto quanto o xale.

Ele me ajudou a sentar, puxou um banquinho para perto de mim e estendeu um cobertor, que estava num dos sofás, sobre minhas pernas e pés.

— Já volto. Vou trazer alguma coisa para aquecê-la por dentro. — Ele afastou-se. O cãozinho, um yorkshire terrier que havia cheirado meus sapatos e meias, retornou e aproximou-se da poltrona, com as orelhas erguidas e os olhos sondando meu rosto, como se entendesse o sofrimento.

— Ei, rapazinho — eu disse, esticando o braço para alcançá-lo. A princípio, ele pareceu reticente e recuou. Lambeu o próprio nariz, bocejou e rastejou até mim quando abri a mão. Cheirou-a e voltou a sentar-se, olhando dentro de minha alma, dentro de todo o sofrimento e frio que eu

sentia. Algo naquele cãozinho fez brotar lágrimas de dentro de mim, algo que eu não entendia, não conseguia entender. Jacob dizia que os cães causam muitos problemas. Fazem muita sujeira. Ele não suportava ver pelos nos móveis e arranhões no piso e nas portas.

— Vejo que você já conheceu Rue — o homem disse ao retornar com uma toalha. Enxuguei os cabelos e coloquei a toalha sobre os ombros para impedir que as gotículas d'água pingassem no chão. O homem trouxe também um par de meias de lã, e eu as calcei.

— Ele é encantador — eu disse. — Tem pelos lindos e brilhantes. E é muito dócil.

O homem deu uma batida de leve em meu cobertor, e Rue saltou em meu colo e sentou-se. Sacudindo a cauda curta e grossa, ele esfregou as costas contra meu corpo como se fôssemos conhecidos de longa data. Eu ri ao ver uma criaturinha tão pura e inocente demonstrando entusiasmo por sentar-se comigo. Ele lambeu-me as mãos, depois se enrolou sobre minhas pernas com a cabeça virada para o fogo, feliz da vida.

— O senhor se importaria se eu ligasse para meus filhos? — perguntei.

Ele olhou-me com ar condoído e retirou o fone do aparelho na mesinha ao lado. Deu um clique e ouviu.

— O telefone esteve desligado a tarde inteira. O gelo deve ter se acumulado nas linhas. E praticamente não há sinal de celular aqui.

— Que tal seu computador? Eu poderia enviar...

Ele deu uma risadinha

— Lamento, senhora. Também não temos acesso a computadores. Decidimos há muito tempo cortar esse tipo de despesa. Mas vou sair à procura de seu marido.

— O nome dele é Jacob. E o meu é Marlee Ebenezer. Obrigada por me acolher desta maneira.

Ouvi um assobio vindo da chaleira na cozinha.

— Já volto — ele disse.

Acaricieei o pelo do cãozinho e olhei ao redor da sala. Além da poltrona de couro na qual estava sentada, havia dois sofás grandes e um menor, dispostos em volta da lareira. Sobre a cornija avistei uma guirlanda simples e abaixo dela, um globo de neve com uma cruz dentro. Estantes de livros ladeavam a lareira. Eu queria muito levantar e examinar as centenas de livros ali, mas estava muito satisfeita e bem acomodada com Rue no meu

colo. Avistei também fotografias de casais sorridentes, um ao lado do outro, posando para a câmera. A maioria das fotografias havia sido tirada em frente à lareira ou no quintal perto da treliça.

Em cima da mesinha de café havia uma vela, uma Bíblia e, por baixo, um livro roxo. Na parte inferior da lareira havia vários utensílios específicos — atiçador, pá, tenazes e vassoura. Ao lado, avistei uma panela de cabo longo com outras duas dentro, de cabos do mesmo tamanho. Eram douradas e, aparentemente, pouco usadas.

O fogo estalou. Rue empinou a cabeça e voltou a acomodar-se. A tela impedia que as brasas fossem arremessadas para longe.

A árvore parecia imponente pela janela, mas havia algo de estranho naquela sala, algo que eu não conseguia identificar. De repente, eu me dei conta do que *não havia* na sala: televisão. Nenhum indício de que houvesse uma ali.

— Estou preparando *chili* com três tipos de feijão — o homem disse ao retornar. — Ficaré pronto daqui a pouco. Já é um bom começo.

Ele entregou-me a xícara e o pires com a mão trêmula. Ao ver o saquinho de chá pendurado na beira da xícara, reconheci as cores de meu chá favorito.

— É de limão e gengibre com um pouco de mel — ele disse.

— Do jeito que eu gosto. Obrigada.

O chá aqueceu meu corpo todo, e Rue farejou o pires quando o coloquei no braço da poltrona.

— Que panelas são essas? — perguntei.

Ele ficou em silêncio por um tempo, à procura de palavras.

— Herança de família. Vou lhe contar a história delas quando voltar. Deixe o chá a aquecer, e vou trazer o *chili*, mas antes quero procurar seu marido.

— É muita bondade sua. Obrigada.

Ele sorriu para mim enquanto vestia o casaco e colocava o chapéu, e desapareceu na garagem. O aroma do chá trouxe-me recordações, aquelas que eu não queria lembrar. Brigas com Jacob; discussões e explosões de raiva de minha parte e o silêncio de um homem resignado a qualquer coisa, mas não amor. Detestei associar aquelas recordações ao chá, porém há coisas que não podemos controlar.

Minha mente varreu as possibilidades do que teria acontecido na

estrada. Certamente, Jacob teria saído do carro sem dizer nada, à procura de ajuda, mas e se ninguém estivesse prestando atenção enquanto ele seguia pela estrada? E se alguém o tivesse atropelado? Ou talvez o motorista do caminhão lhe tivesse dado uma carona para buscar ajuda.

Houve um estalo no andar de cima, e Rue retesou o corpo, com as orelhas erguidas. Num piscar de olhos, saltou de meu colo, subiu a escada correndo com suas pernas pequeninas e desapareceu no alto da escada. Ouvi suas unhas batendo no assoalho.



O homem idoso voltou e pendurou o casaco e o chapéu no cabide do *hall*.

— Encontrei seu carro, mas nenhum sinal de Jacob. Verifiquei também com os vizinhos. As estradas estão em péssimo estado. Quase fiquei atolado, apesar da tração nas quatro rodas. — Ele pegou o telefone, que continuava mudo. — Talvez ele tenha pegado uma carona lá embaixo. Deixei um bilhete no banco dianteiro, dizendo onde você está. Também liguei as luzes de emergência, mas a bateria está muito fraca.

— Acho que, por ora, não há mais nada a fazer — eu disse.

— A não ser orar — ele retrucou.

Assenti com a cabeça.

— Concordo.

Ele desapareceu na cozinha e voltou carregando uma tigela de *chili* fumegante, com um pão de milho tão doce que se derreteu em minha boca. O homem subiu a escada novamente com outra tigela, e Rue foi ao encontro dele, balançando a cauda e dançando no assoalho como se fosse um animal treinado em circo.

Eu já havia esvaziado minha tigela quando ele voltou e ofereceu-me outra, mas eu estava satisfeita. Ele puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado, segurando a própria tigela com as duas mãos para aquecê-las.

— Quem mais está aqui? — perguntei.

— Como?

— Assim que cheguei, o senhor disse que “nós” não recebemos nenhuma visita. Ouvi ruídos enquanto estive fora.

— Não há ninguém mais aqui, a não ser minha mulher e eu. Ela está descansando lá em cima.

— Há algo errado com ela?

— Nada, além dos problemas que o tempo e a vida trazem. — Ele fez uma pausa, e notei um pouco de tristeza em sua voz. — Mas o que vocês vieram fazer nesta redondeza?

Contei que estávamos indo ao escritório de um advogado para assinar os papéis do divórcio. Falei sem rodeios. Aguardei um pouco até que minhas palavras calassem fundo e esperei algum tipo de desculpa por invadir minha privacidade, mas ele não pareceu chocado.

— Vocês estão planejando isso há muito tempo? — ele perguntou.

Contei um pouco mais sobre nós. Mais do que desejava, porém as palavras pareciam saltar de minha boca. Ele não me interrompeu.

— Vocês estão casados há um bom tempo. Qual foi o motivo principal? Jacob a maltratou fisicamente?

— Não, não houve maus-tratos.

— Há outra mulher?

— Não creio. A outra mulher é o trabalho dele.

— Vocês tentaram aconselhar-se com alguém?

Assenti com a cabeça.

— Algumas vezes. Com um pastor. Com um psicólogo. Fomos a um encontro de casais num fim de semana alguns anos atrás.

Ele esticou o braço em direção à mesinha de café.

— Já tentaram...

— Livros? Vou lhe contar quantos livros já li. Estão empilhados em meu criado-mudo. Ouvi audio-livros no carro. Não me dê outro livro. Tentei de tudo. Um dia, cheguei a ligar para um programa de rádio pedindo conselho. Nada funcionou. Não somos a pessoa certa um para o outro.

— Mas foram, um dia?

— No começo, claro. Qualquer um vive apaixonado no começo, acho. Mas, com o passar dos anos e a chegada dos filhos, a distância simplesmente aumentou entre nós. Ele mergulhou no trabalho e em passatempos, e meu coração voltou-se para as crianças.

— E agora, depois de vinte anos, são dois estranhos.

— Exatamente.

— Fale-me de seus filhos. Que idade têm?

Enquanto ele colocava migalhas do pão de milho no *chili*, contei-lhe tudo. Tudo. Até o que David disse no banheiro enquanto estava sentado, olhando para os desenhos dos ladrilhos. O homem riu comigo e balançou a cabeça, como se estivesse ouvindo uma história passada com seu neto.

— Você mencionou um pastor — ele disse enquanto terminava o *chili* e colocava a tigela na mesinha de café. — E quanto à sua vida espiritual?

Eu ri, embora o assunto não fosse engraçado, e fixei o olhar na lareira.

— Sei que não é verdade, mas sinto às vezes que não tenho direito de falar com Deus.

— Por que diz isto?

— Porque sei que é pecado se divorciar. Fui criada dessa maneira. E quando Deus está zangado com a gente, ele não ouve nossas orações.

— Bom, é verdade que Deus odeia o divórcio. Mas não significa que você não deva falar com ele. Ele é um Deus perdoador. Entre outros motivos, Deus odeia o divórcio por causa do sofrimento e dos problemas que a separação traz às pessoas que ele ama.

— O senhor fala como um pastor.

Ele sorriu.

— Acho que, de certa forma, sou pastor. Você veio pelo pasto, certo? Não viu a tabuleta na frente da casa.

— Que tabuleta? Não consegui enxergar um palmo adiante do nariz.

— Anos atrás este lugar foi uma casa funerária. O negócio não era muito lucrativo por causa do local, por isso ela foi vendida. Transformamos a casa num centro de refúgio. Para casais com problemas. Casais que haviam jogado a toalha ou que apenas queriam maior aproximação. — Ele apontou para as fotografias na estante. — Alguns de nossos graduados.

Não consegui conter o riso.

— Isto é que eu chamo de ironia. Encontrei abrigo num refúgio para casais que antes era uma casa funerária.

— Para mim, você não chegou aqui por acaso. — As palavras dele tinham uma ponta de certeza.

— O senhor salvou todos estes casamentos?

— Eu não. Infelizmente, nem todos foram salvos. As pessoas fazem as próprias escolhas. Não podemos controlar o que elas fazem, mas podemos ajudá-las e caminhar com elas. Muitas estavam à beira do abismo, como

você. Pelo que entendo, eu diria que você está aqui para cumprir um propósito divino.

— Ou quem sabe aquele caminhão de nove eixos foi a maneira que Deus usou para nos castigar pelo que estávamos prestes a fazer.

— Prefiro pensar nisso como um despertador. Nunca é tarde demais para fazer algo bom pelo casamento.

Sacudi a cabeça.

— Nós já tomamos uma decisão. Não há mais esperança.

Ele cruzou as mãos enrugadas e olhou para as fotografias.

— Já ouvi isso algumas vezes ao longo dos anos. E gostaria de fazer uma sugestão a respeito de esperança. Que tal você e seu marido se agarrarem à esperança que tenho para os dois?

— Um homem que talvez não seja encontrado?

— Um homem que provavelmente não queira levar este assunto adiante da mesma forma que você.

— Como o senhor pode falar assim? Nem sequer o conhece. Não me conhece.

Ele mordeu os lábios.

— Eu me baseio na experiência. A maioria dos casais não quer desistir do casamento. Não vejo sentido em dar uma pilha de dinheiro a advogados depois de uma convivência de vinte anos.

— O senhor está certo quanto a isso. Os honorários do advogado que Jacob encontrou são menores que os normais. Jacob só ficaria comigo se pudesse economizar dinheiro, não por amor.

— Então vocês estão dando andamento ao divórcio, embora saibam que a solução não é essa. Não estão vendo outra saída.

Apesar de querer mudar de assunto, não consegui. O homem havia tocado fundo em meus sentimentos. Suas perguntas fizeram-me lembrar da mágoa e da traição que eu sentia em relação a meu marido por ele não me *ver*. Não notar tudo o que fiz para levar nossa vida adiante. É claro que Jacob sentia o mesmo, que eu não me envolvi por completo no relacionamento durante algum tempo. Que eu desistira, me desligara. Que minha mente estava em outro lugar, até mesmo durante o ato sexual. E isso era verdade.

— Não me sinto feliz onde estou — eu disse. — Ele também não. O casamento não deve ser assim. Devemos amar um ao outro. Devemos

completar um ao outro. Não há um versículo que diz que Deus quer nos ver felizes?

Ele coçou a barba rala no queixo.

— Há um versículo que diz que Jesus veio para dar vida, e vida plena. Porém, Deus não existe para fazer você e eu felizes. Alguns dos seguidores mais fervorosos de Deus que conheci viveram em circunstâncias deploráveis.

— Que bom que o senhor não é pastor, porque esse tipo de mensagem não encheria os bancos da igreja nem a sacola de ofertas.

Ele sorriu.

— É verdade. Mas observe que eu disse que as circunstâncias deles eram deploráveis. E eles estavam contentes em sua situação. Viam que Deus trabalhava neles e por meio deles, apesar do que acontecia do lado de fora.

— Bom, acho que Deus não está trabalhando conosco. Ele desistiu de nosso casamento há muitos anos. Estou apenas acompanhando-o para a saída.

— Tem *certeza* de que ele desistiu de vocês?

— O que o senhor quer dizer com isso? Acha que Deus continua trabalhando?

— Talvez Deus esteja mais perto do que você imagina. O fato de trazê-la até aqui me diz que ainda há esperança.

— Não sei outras formas de dizer sobre isso. *Acabou*. Ele escolheu um apartamento para morar. Vou ficar com a casa e com a *van*, e dividiremos a custódia dos filhos. Vinte anos atrás, numa noite como esta, começamos uma jornada que está prestes a terminar.

Os olhos cansados do homem iluminaram-se.

— Hoje é o dia do aniversário de casamento de vocês?

— É. Numa tempestade de neve. Achamos que seria romântico casar na véspera de Natal. O que estávamos pensando? Não conseguimos comemorar os aniversários de casamento desde que as crianças nasceram. Nem vamos comemorar agora.

Ele levantou-se e caminhou em direção à lareira.

— Interessante. Vinte anos atrás, numa noite como esta, algo muito importante aconteceu. Algo que mudou a vida de vocês. Vinte anos depois, na mesma data, vocês estão tomando outra decisão muito importante.

— É apenas um dia no calendário.

– Não tenho tanta certeza assim. As datas são importantes. E há significado por trás de uma forte nevasca. Há poder nela.

– Não estou entendendo. O que o senhor quer dizer?

– A neve que vemos nos filmes é falsa. Sabemos disso todas as vezes que a vemos. Ela cai ao redor. Não gruda. Mas a verdadeira gruda. E é por isso que o mundo anseia por algo que grude. Não por algo que o vento dissipe.

O homem sentou-se perto do fogo e fixou o olhar na madeira crepitante. As chamas tremulantes conferiam um brilho às painéis douradas e dançavam nas paredes.

Tentei mudar de assunto e concentrar-me nas painéis.

– Parecem antigas.

Ele assentiu com a cabeça.

– E são.

– Para que servem? Para fazer pipoca?

Os olhos deles brilharam mais uma vez.

– acredite ou não, são usadas para ajudar os desesperançados. Casamentos sem futuro. Casais presos na teia do passado e do presente.

– O senhor não permite que essa gente bata na cabeça um do outro com estas painéis, não?

– Ah, não, nada disso! – nós dois rimos. Rue desceu a escada correndo, pulou no colo do homem e acomodou-se ali.

– Como duas painéis douradas podem restaurar um casamento?

– Na verdade, são três painéis. Posso mostrar-lhe como podem ajudar, mas antes você precisa fazer uma coisa.

– O quê?

– Precisa estar disposta.

– A fazer o quê?

Ele inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, olhos cravados nos meus.

– A ter esperança. A mudar. Estas painéis abrirão um mundo novo. Você não pode ser forçada a olhar para elas, mas, assim que olhar, terá de reagir.

– Parece... estranho.

Ele abaixou a cabeça.

– É claro que sim. E não vou culpá-la se não quiser ver. Mas, se quiser, há algo que pode fazer.

— Que é...

— Estar disposta a *acreditar* em seu casamento. Que é possível você e seu marido continuarem juntos.

Sacudi a cabeça.

— Não posso chegar a esse ponto. Não depois de tudo o que passamos.

Ele coçou as costas do cão.

— Entendo. Só mais uma coisa. Perguntei se havia outra mulher na vida de seu marido. Mas não perguntei se há outro homem na sua.

Meu rosto queimou e juntei toda a indignação que consegui.

— Como? O senhor está me acusando de alguma coisa?

Ele me encarou.

— Como o senhor pode me acusar de ter outro homem se nem mesmo me conhece?

Ele colocou o cão perto da lareira e levantou-se.

— Você tem razão. Estou interferindo em sua vida. Vou aprontar o quarto dos fundos para você.

— Não, não posso ficar aqui. — Desvencilhei-me do cobertor e levantei-me. — Tenho de ir para casa e ver meus filhos.

— Confie em mim. É muito perigoso tentar descer a montanha esta noite. As estradas estão praticamente intransitáveis. Assim que a linha telefônica for restabelecida, poderá ligar para sua família.

— E quanto aos vizinhos? Talvez o telefone deles funcione.

— Conversei com o vizinho mais próximo quando saí. Também não está funcionando. Pensei que demoraria um pouco para...

No meio da frase, as luzes piscaram e tudo ficou escuro. Rue choramingou e afastou-se da lareira com um salto.

Ainda havia um pequeno clarão, uma luz branca do lado de fora, mas as luzes da casa estavam todas apagadas. Imediatamente o homem dirigiu-se à cozinha e voltou com uma lanterna e entregou-a a mim.

— Fique com ela. Tenho outras para ocasiões como esta.

— É assustador — eu disse.

— Ah, isso acontece com frequência. Não há nada com que se preocupar.

— Quero dizer que isto é muito estranho. A energia acabou em nossa lua de mel. Não nos importamos, é claro, mas ficamos sem luz a noite toda.

O homem permaneceu em silêncio. Eu sabia que algo se passava na mente dele.

— Preciso ver como minha mulher está — ele disse finalmente. — Depois vou acender a lareira em seu quarto. Você ficará aquecida se a eletricidade não voltar.

Capítulo 3

O quarto de hóspedes do primeiro andar ficava depois da cozinha, nos fundos da casa, em frente à despensa. Uma lareira de tijolos cobria uma parede, e outras estantes de livros cobriam a outra. Porém, o detalhe mais atraente do quarto era uma cama com dossel sustentado por quatro colunas e cortinas presas do lado. Parecia um cenário extraído de um livro de histórias vitorianas. Embora o quarto fosse gracioso e quente, tive a impressão de que era ali onde colocavam os caixões.

O homem acompanhou meu olhar.

– Tudo na casa foi doado. Esta cama veio de uma família rica. Foi herdada dos avós.

– Bela doação.

– Eles ficaram agradecidos pelas mudanças que tiveram após sua estada aqui. Quiseram retribuir de alguma maneira.

O homem colocou algumas folhas de jornal sob a lenha na lareira e acendeu um fósforo. Havia outras toras empilhadas diante da lareira, e ele disse que eu poderia adicionar tantas quantas fossem necessárias durante a noite.

– A cozinha está aberta para você. Se precisar de alguma coisa, sinta-se em casa. Há uma sineta no balcão. Basta dar um toque e eu virei... bem, não correndo, mas o mais rápido que puder. Vou monitorar o clima durante a noite e ficar atento caso seu marido chegue.

Levantei o fone do gancho, mas não ouvi nada além de um zumbido irritante. Rue entrou e empinou a cabeça em minha direção.

– Parece que alguém quer lhe fazer companhia. Há alguns petiscos para cães na despensa. Ofereça-lhe alguns para mantê-lo ocupado. Ele adora enrolar-se a seus pés.

– Gosto disto — eu disse. Levantei o cãozinho do chão e coloquei-o sobre as cobertas. Ele olhou para mim e tentou me lambe. Assim que o homem se afastou, Rue deu um salto e seguiu-o.

– Espere, ainda não sei o seu nome — eu disse.

O homem virou-se na porta de entrada. A voz estalou igual ao fogo.

– Minha mulher me chama de Jay.

Fui à despensa e encontrei um pote plástico com petiscos para cachorro e abri-o. Rue apareceu rapidamente, com as patas batendo no assoalho. Atirei o petisco em cima da cama, e ele choramingou até eu levá-lo do chão e colocá-lo ali.

Voltei à sala principal e vi Jay subindo a escada com uma bandeja nas mãos. Quando chegou ao último degrau, ele olhou para baixo, por cima do corrimão. Olhou para mim – não, olhou quase através de mim.

– Precisa de mais alguma coisa?

Meus olhos encheram-se de lágrimas e tive a sensação de estar tremendo por dentro. *E se eu desse uma chance? E se eu me abrisse o suficiente para pensar que havia esperança? Isso bastaria?*

– Fique onde está – ele disse. – Já vou descer.



Jay retirou as três panelas do aparador e arrumou-as em frente ao fogo.

– Deus usa a neve para limpar a paisagem. E assim ele faz tudo novo. Mas, quando a neve derrete, ela revela o que está por baixo. O que está oculto. O que é verdadeiro. A neve derretida deixa tudo exposto. Cada floco é como uma escolha que fazemos, e as escolhas vão se amontoando. Está entendendo?

– Acho que sim, de forma metafórica.

O clarão do fogo iluminou o rosto dele como um pôr de sol brilhante após a tempestade.

– As escolhas que você faz conduzem seu coração para perto de seu marido ou para longe dele; elas sempre trazem consequências.

– Não podemos correr paralelamente?

– Você já tentou traçar uma linha reta? Ela sempre entorta um pouco, porque nenhum de nós é perfeito. Portanto, pode parecer que vocês estejam correndo paralelamente, mas, na verdade, estão se afastando um do outro.

– Como isto funciona? Quero dizer, as panelas.

Ele pegou a caneca vazia que eu deixara no braço da poltrona e tirou de dentro o saquinho de chá usado.

— Pegue um pouco de neve lá fora com as mãos e coloque-a na caneca. Encha-a o mais que puder, até a boca. Pode até derramar um pouco. Depois a traga de volta.

Calcei os sapatos que agora estavam bem aquecidos e saí. O vento uivava, e a neve molhada fustigava a lateral da casa. Alguma coisa se movimentou na escuridão.

— Jacob?

Nenhuma resposta. Não precisei ir muito longe para pegar a neve e, por mais rápida que eu tentasse ser, a tarefa pareceu-me uma tolice. Aquele homem gentil talvez fosse um doente mental. Talvez houvesse outro viajante despercebido no andar de cima, trancado num armário. Ou talvez fosse Jacob. Por que confiei naquele velho? Por que deixei meu coração ser levado por suas palavras bondosas, ou achei que poderia haver esperança?

Corri para dentro da casa, colocando os sapatos de volta na abertura do aquecedor, embora não estivesse funcionando. Consolei-me ao pensar que os assassinos em série não possuem cãezinhos meigos; eles possuem cães ferozes.

— Ótimo — disse Jay. — Agora pegue a panela, coloque a neve dentro e segure-a acima do fogo.

Lancei a ele aquele olhar que costumo dar quando meu marido ou filho derruba um copo no chão da cozinha.

— Eu ouvi direito? Devo derreter a neve e ela vai mudar minha vida?

Ele sorriu como se já tivesse ouvido essas palavras e entregou-me uma colher de madeira.

— Segure a panela acima do fogo e mexa a neve quando começar a derreter. Vamos, tente.

— Será que vou ter de bater o salto dos meus sapatos como a Dorothy de *O mágico de Oz* e dizer que não há lugar melhor que o nosso lar?

Pés de galinha nos cantos dos olhos dele. Manchas senis nas mãos. Um olhar de quem sabe das coisas. Um movimento afirmativo com a cabeça.

Segurei a panela acima do fogo, e a neve começou a derreter devagar e a ficar transparente, acumulando-se nas beiras, movimentando-se como um *iceberg* num oceano bravio. Dei uma mexida, e um eco fraco de música subiu, uma mistura de canções do passado chegando a meus ouvidos, como leves jatos de ar das asas de um pássaro. *Promessas feitas, promessas*

quebradas, de Dan Fogelberg. Reconheci outras canções que ouvimos nos tempos de namoro. Canções encontradas, descobertas por uma nova geração. *Mistérios de romance*, que me agitou o coração.

A fumaça subiu como incenso e em espiral na lareira, pairando sob o cano da chaminé. Tive a sensação de estar escorregando, balançando, e num momento incontrolável fui envolvida por aquela sensação. Não caí, não saltei, não mudei de lugar; a cena simplesmente me envolveu, e fui levada pela experiência de maneira plena e irrevogável.

Fotografias do passado, imagens de crianças rindo, momentos capturados e congelados no tempo caíam à minha volta como neve, passando por mim – e de repente tudo adquiriu vida. Música, vozes e cor, como uma gigantesca colagem de minha vida: um cão que conheci na infância; colares havaianos usados numa representação teatral na nona série; pipocas amanteigadas caídas do saquinho num cinema; minha melhor amiga e eu comendo *muffins* tarde da noite, sorrindo para a câmera com os dentes sujos de *muffin*; eu chorando o tempo todo ao assistir *Num lago dourado*; um concerto ensurdecedor num mar de gente perto de um palco...

– Lá está ele – eu disse sem fôlego. Mais um suspiro de reconhecimento que uma frase completa. Lá estava meu marido, jovem novamente, cabelos muito mais escuros e volumosos, sem entradas na testa. Pele morena, vigoroso, cheio de vida, e um sorriso que me fez apertar o coração.

Os anos haviam levado seu sorriso embora, haviam eliminado as sutilezas daquilo que um dia foi incontrolável. Longos anos haviam se passado desde o tempo em que todo o meu ser se agitava quando o via.

Enquanto observava a cena, entendi que dentro de cada um de nós há um anseio por um lugar e uma época da vida que conhecemos – quando o futuro parecia estender-se diante de nós como uma pastagem verde, convidando-nos a atravessar a campina e a mergulhar na largura e profundidade da vida. O desejo de encontrar esse lugar ressoa e repercute, criando uma paixão que jamais poderá ser revivida. Mesmo assim, aqui estava eu, fitando os olhos do homem que me cativara neste momento de grande satisfação.

– Marlee – ele gritou do outro lado da quadra. Antes que eu pudesse responder, uma versão mais jovem de mim atirou-se em seus braços. Entreguei-me por completo, as coxas delgadas, a largura do quadril... ou a

falta de largura, e o forte abraço. A diferença foi estarrecedora; não a diferença física entre meu corpo daquela época e o de agora, embora aparentemente houvesse menos flacidez em áreas estratégicas, mas a maneira como me aproximei dele, deixando-me ser abraçada, permitindo que ele entrasse em minha alma. Não houve restrições. Abri os braços sem constrangimento e abracei-o. Da mesma forma, ele não se retraiu, e a expressão em seu rosto quando me abraçou era de puro contentamento.

— Senti saudade de você — ele disse, segurando-me e virando-me para o sol.

— Tomamos o café da manhã juntos hoje — eu ri.

— Exatamente. Faz muito tempo.

Quero usar de franqueza. Algo em meu estômago revirou enquanto eu olhava a cena. Não fui capaz de decifrar se essa reação teve algo a ver com o amor agarrado de dois universitários estarrecidos pela paixão ou com a comparação do resultado desse afeto.

Quando olhei de volta para a cena, fui envolvida por um vapor, por uma espécie de fumaça, e caminhei através dela em busca daquilo que vivemos antes. Eu me vi caminhando ao lado dele perto de um lago familiar numa noite de verão sem lua. Descansando naquele banco no meio de lugar nenhum. Havíamos tirado fotos desse lugar nos aniversários de casamento seguintes, com as crianças formando uma fila, apesar de não termos visitado o local nos últimos cinco anos. As palavras dele voltaram-me à memória em forma de cascata. Procurei um pedaço de papel para deixar tudo registrado. Com as mãos na boca, tremi diante de sua proposta sincera.

Queria berrar, gritar “Cuidado!” — deter os eventos prestes a se desenrolar. O oferecimento do anel, nós dois ajoelhados, lágrimas de alegria e outro abraço longo que se transformou num beijo tão apaixonado que virei o rosto de lado. Quando voltei a olhar, havíamos saído das sombras do lago e estávamos na pequena igreja iluminada por velas, onde nos casamos. O vestido de noiva, a pele macia, as figuras esguias sob o vestido e o *smoking*, e a voz do pastor dizendo que deveríamos amar um ao outro “até que a morte nos separe”.

Jacob havia escrito seus votos. Com a voz grave e ressonante que atravessou o tempo, ele disse com emoção: “Seu amor tomou conta de meu coração. Enquanto ele bater em meu peito, juro não permitir que

qualquer coisa interfira no amor que partilharemos nos próximos anos. Somente o abraço frio da morte nos separará”.

Fechei os olhos com força. *Havíamos* nos amado até a morte. Infelizmente foi o amor que morreu.

Quando abri os olhos, estávamos comemorando o primeiro aniversário de casamento. Nossos amigos ofereceram-nos um fim de semana no chalé deles na montanha. Uma região distante, coberta de neve, onde tivemos de estacionar o carro e andar quase mais de um quilômetro a pé até a entrada do chalé. Não havia nada para nos ocupar, a não ser uma geladeira bem abastecida, alguns filmes em VHS e nós dois. Por um motivo que não sei explicar, o fato de não ter nada para fazer não me aborreceu.

Naquela época ainda estávamos apaixonados, contentes por proporcionar prazer um ao outro. Num momento de êxtase, derrubei um objeto da estante acima da cama. Como se estivéssemos espreitando por cima de um parapeito proibido, empurramos o corpo até a cabeceira da cama, boquiabertos, olhando horrorizados para o antigo globo de neve que jazia numa poça sobre o piso de madeira.

— Como vamos explicar isto? — perguntei.

Jacob riu. Ri também, imaginando como seria a conversa. De repente, estávamos novamente nos braços um do outro, apreciando e navegando fundo nas águas do prazer que Deus criara para nós.

A cena seguinte foi resultado de uma de nossas incursões conjugais rumo ao desconhecido — a chegada de Becca, nossa primogênita. Meu coração saltava e batia com toda a fúria, não parcialmente, mas por inteiro. Eu dissera coisas horríveis a meu marido durante o parto. Ele limitou-se a sorrir e segurou minha mão enquanto lutei durante horas. Sempre achei que não queria dizer aquelas coisas. Ele me perdoou sem questionar nada.

Enquanto eu olhava a cena, uma rápida lembrança despertou-me para um conflito interno desagradável. Eu não queria ser atraída por meu marido, mas fui, principalmente quando vi seu olhar de admiração diante daqueles dedinhos das mãos e dos pés, ouvi o ruído de sucção de minha filha em meu peito e mergulhei no fascínio de um bebê recém-nascido.

— Ela é tão... perfeita — disse Jacob. Ele esticou o dedo, e ela agarrou-o para sugá-lo.

— Ela é encantadora — murmurei.

Duas pessoas — pai e mãe — unidas ao redor de um bebê. Estávamos

juntos. Para minha grande surpresa, ele chegou até a trocar fraldas. E nunca reclamou de minha condição de mãe superprotetora e da mudança dos móveis de um local para outro, nem do berço que troquei três vezes por não ficar bem no quarto.



— Os filhos são presentes do próprio Deus — disse Jay. Ele estava perto de mim, vendo as mesmas cenas. Meu rosto corou quando olhei para ele, e Justin passou correndo por mim, perseguido por uma Becca já grandinha. Meu marido, um pouco mais velho e mais desgastado que nos tempos de faculdade, seguia as crianças, carregando David no colo.

— Você consegue ver isso? — eu disse a Jay, olhando a neblina ao redor de mim. Não sabia até que ponto ele havia visto a cena do aniversário de casamento.

— Não olhe para mim. Concentre-se no momento. Absorva-o por inteiro porque não durará muito.

Quando voltei a olhar para minha família, meu marido e eu estávamos sentados juntos no sofá, com papéis de presentes natalinos espalhados pela casa e Becca brincando de “panteras e leopardos” com os meninos. Com suas pernas pequeninas, eles subiam e desciam rapidamente a escada, gritando de alegria numa brincadeira incompreensível de crianças. Houve um sorriso entre nós enquanto ouvíamos a imaginação delas voar.

— Onde você acha que estaremos daqui a dez anos?— Jacob perguntou.

— Debaixo de uma árvore, cercados de papéis de presente.

Ele riu.

— Não, onde você gostaria de estar?

— Em algum lugar agradável onde pudéssemos ouvir estas coisas — respondi, enquanto o barulho da brincadeira aproximava-se cada vez mais de nós.

— Quero dar-lhe isso e muito mais — ele disse, inclinando o corpo e me beijando. — Vou arrumar esta bagunça e dar uma olhada nas crianças. Que tal você usar um destes? Você merece.

Ele entregou-me os óleos de banho desembrulhados que ajudara as crianças a escolher. Lavanda e rosa, minhas fragrâncias relaxantes favoritas.

— Não, preciso começar a preparar o almoço — eu disse.

Ele sacudiu a cabeça.

— Vá para cima. Agora. Os gnus sobreviverão.

— Panteras e leopardos — corriji.

— Vá.

Será que ele havia sido tão atencioso assim?

O entusiasmo e o barulho desapareceram rapidamente, e num piscar de olhos Becca já havia crescido. Estávamos indo de carro ao treino de futebol.

— Por que você e o papai brigam tanto? — ela perguntou.

Detive o olhar no para-brisa.

— Nós não brigamos; apenas discordamos sobre muitas coisas.

— Vocês brigam — ela disse. — E não fazem as pazes. Parecem uma chaleira que está sempre pronta para ferver assim que o calor do fogo aumenta.

Segurei um pouco mais firme no volante.

— Deve ser difícil viver assim todos os dias — ela disse.

— É verdade — respondi.

Parecia uma cena do filme *Cidadão Kane*, na qual o marido e a mulher estão sentados nas extremidades opostas da mesa de jantar, enquanto os anos passavam rapidamente e a distância entre eles aumentava. Quanto mais eu me dedicava à nossa casa e à vida familiar, mais Jacob parecia dedicar-se ao trabalho. O ressentimento aumentou. E lá estávamos nós, a neve caindo lá fora, ele lendo a página esportiva, e eu, o necrológio.

— Dan Fogelberg morreu — eu disse.

Jacob não se deu ao trabalho de abaixar a folha de jornal e olhar para mim.

— Morreu de quê? Acidente?

— Câncer de próstata.

— Que pena. Ele não era tão velho, era?

— Tinha 56 anos.

— Você se lembra de *Líder da banda*, o maior sucesso dele?

Assenti com a cabeça, mas ele não olhou para mim. Escondeu-se atrás do jornal, mas eu percebi que ele não estava mais lendo as notícias esportivas. Estava olhando para fora pela janela, escondido pelas tabelas

do campeonato de futebol. Aproximei-me dele através da neblina, surpresa ao ver que havia algo mais em sua cabeça que pontuações e estatísticas.

— Nós já assistimos a um *show* dele, não? — ele disse. — Em Cincinnati?

Dei uma resposta vaga, dizendo o nome da cidade e da casa de *shows*. Ele poderia ter dito quanto custaram os ingressos, claro, mas continuou com os olhos vagando. Finalmente, abaixou-os e olhou em minha direção. Eu já havia saído. Não queria mais nada com ele. Decidi que não valia a pena dar andamento à conversa.

Ele levantou novamente o jornal, e ouvi uma voz forte vinda de alto-falantes. Estávamos sentados numa igreja grande em companhia de centenas de casais, ouvindo um homem falar sobre aprofundar-se no casamento. Sentei-me ao lado de Jacob e comecei a fazer anotações, totalmente enlevada. Ele olhou para mim, girando sua aliança de casamento com nervosismo. Dei uma olhada em seu caderno de anotações vazio e voltei a concentrar-me no meu. Pensei que ele não estivesse interessado em nosso casamento, em fazê-lo dar certo. Mas, quando olhei com mais atenção, havia algo escrito no caderno. Estiquei o corpo para ver as palavras escritas no final da página, mas ele fechou o caderno rapidamente.

E a cena mudou de repente. Estávamos dizendo adeus às crianças um pouco mais cedo, naquela mesma tarde. David agarrou-se em mim com força, e tive de conter as lágrimas enquanto me ouvia dizer que voltaríamos logo para casa. A porta foi fechada, e as três crianças correram à janela para nos ver.

— Para onde eles vão? — David perguntou.

— Acho que vão fazer mais compras de Natal — Justin respondeu.

— É verdade, acho que vão fazer mais compras — Becca disse, colocando a mão no ombro deles. O rosto dela foi a última coisa que vi quando a neblina envolveu a cena.



Pairando no ar, flutuando, subindo em espiral como vapor, a neblina desapareceu, e vi a panela vazia acima do fogo. Jay puxou minha mão para trás e descansou a panela sobre os tijolos da lareira. Eu estava atônita demais para falar. A emoção foi muito grande ao ver minha vida

desaparecer como vapor diante de mim e meus filhos lutando com as escolhas que fizemos, embora não fossem capazes de compreendê-las.

— Parece que tudo foi real. Como se eu estivesse ali. Apreciando cada momento.

— Você tem filhos lindos — Jay disse.

— O senhor os viu também? Como?

— Só consigo observar, mas a pessoa que segura o cabo controla a experiência. Aquelas eram as suas lembranças. A sua vida.

— Mas eu não participei de tudo isso. Não sei o que meus filhos disseram. Não sabia que meu marido havia escrito alguma coisa naquele caderno.

Ele assentiu com a cabeça.

— As respostas às perguntas que você faz agora emergirão da neve.

— Como assim?

— A esperança que você tem para seu casamento a conduzirá. A neve lhe mostrará a verdade. Sua mente a guiará de uma lembrança a outra. As perguntas que você faz agora, as observações que fez e, francamente, sua sinceridade, tudo isso se misturará para conduzi-la àquilo que você realmente procura.

— Mas eu já lhe contei. Já tomamos uma decisão. Está acabado.

— Sim, mas você também disse que daria uma chance à esperança que tenho em vocês. As imagens surgem de um desejo de mudança.

Olhei para a panela quente sobre os tijolos e para as duas que me aguardavam.

— Quero ver se o telefone está funcionando. Tentar ligar para as crianças.

— Isso é bom — Jay disse.

— Acho que não vou conseguir ir adiante — eu disse ao chegar ao *hall*. — É doloroso demais... a emoção é grande demais.

— Eu sei. Mas há uma parte de você que quer saber mais. Que deseja ter esperança.

Capítulo 4

O telefone continuava mudo. Tão sem vida quanto minha alma. Coloquei o fone no gancho e lembrei-me do rosto de Jacob no momento em que ele segurou firme o volante para fazer a curva e viu os faróis vindo em nossa direção. Fechei os olhos novamente, à espera do impacto. Ele devia estar ali por perto. Não teria me deixado congelando sozinha. Ou teria?

Da janela perto da mesa da cozinha era possível ver a paisagem. Imaginei alguns frágeis casais sentados ali, tomando café fresco e comendo biscoitos quentes, restaurando seu casamento a cada refeição. Apontei a lanterna para a janela e respirei fundo ao ver o acúmulo de neve. Flocos molhados, compactos, do tamanho de minha mão, caíam rapidamente em linha reta. Os galhos das árvores balançavam e estremeciam sob o peso da neve.

Sobre a mesa da cozinha havia um pote de plástico, do tipo que minhas crianças usavam para comer pipoca numa festa do pijama. Jacob estourava a pipoca, Becca derretia a manteiga, e Justin e David preparavam-se para colocar o sal em quantidade suficiente para fazer a pressão arterial subir em dois segundos. Rindo, divertindo-se, eles corriam para a sala de TV para ver a última produção da Pixar ou um filme antigo de horror que Jacob adorava exhibir para eles. *Frankenstein*, *Drácula* ou *O Lobisomem*.

Peguei a tigela e abri a porta lateral. Sem pensar, atravessei a varanda, apenas de meias nos pés. Lá havia também uma área de descanso, com várias mesas e cadeiras. Retirei a neve acumulada em cima da mesa e fui colocando-a na tigela até transbordar.

Ao erguer os olhos, vi uma luz na janela acima de mim e o movimento de uma cortina. Depois, nada mais, a não ser o silêncio da noite e a neve caindo.

Jay estava na porta dos fundos quando retornei.

— Você esqueceu uma coisa — ele falou rindo, e olhou para meus pés. Não ralhou comigo nem me censurou. Foi apenas uma confirmação

amigável da verdade. Ele pegou minha tigela e colocou-a na mesa. Entreguei-lhe minhas meias molhadas, e ele foi ao meu encontro na sala de estar segurando uma toalha e outro par de meias. A sensação de bem-estar retornou a meus pés. Com o corpo aquecido, eu estava pronta para outra excursão.

Tirei a segunda panela da frente da lareira e coloquei a neve dentro, tomando cuidado para não deixar cair nenhum floco fora. Não queria perder nada. Não queria sair rápido demais das cenas nebulosas.

— Se a primeira tigela investigou meu passado e usou minhas experiências e pensamentos, como saberá a verdade do presente?

A claridade da lareira de cor alaranjada e intensa refletiu no rosto de Jay.

— A neve somente lhe mostrará o que é. Ela encobre a verdade e depois a revela.

— Então o senhor também não sabe se vai dar certo.

Os olhos dele brilharam.

— Ela nunca falhou em todos esses anos.

Peguei a panela e segurei-a perto do fogo.

— Sua mulher. O que há de errado com ela? Por que permanece lá em cima?

— acredite em mim, se ela pudesse descer, estaria aqui a seu lado. O problema é a fase da vida pela qual ela está passando.

Eu queria fazer mais perguntas: há quanto tempo eram casados, há quanto tempo ele cuidava dela, quantas pessoas passaram pela mesma experiência que eu naquele momento, mas a curiosidade pela panela dourada foi mais forte e coloquei-a no fogo. Fechei os olhos enquanto a neblina subia e o poder da neve me envolvia.



Uma música conduziu-me às portas de meu passado, mas desta vez ouvi uma voz estalando num minúsculo alto-falante. A voz informou que o tempo pioraria nas próximas horas, porque uma tempestade chegara de surpresa à região. As notícias sobre o trânsito também não eram nada boas. Havia motoristas presos nos carros, e a recomendação era que todos permanecessem em casa e não se aventurassem a sair naquelas condições.

— Silêncio! — disse Becca. Ela estava na sala de estar com os irmãos, todos debaixo de um cobertor que haviam pegado em minha cama.

— Que tal a gente ver um filme? — David sugeriu.

— Não há eletricidade, seu bobo — Justin retrucou. — É por isso que estamos no escuro.

— Então, como podemos ouvir o rádio?

— Ele usa pilhas, idiota.

— Quietos! — disse Becca, puxando o rádio para mais perto e aumentando o volume.

O apresentador do programa informou uma lista das estradas interditadas e vários acidentes. O celular de Becca tocou, e ela tirou-o do bolso e atendeu-o.

— Mãe?

— Não, Becca, é a tia Susan. Você tem notícias de seus pais? — respondeu a voz do outro lado da linha.

— Ainda não. E a gente está sem luz.

Becca levantou-se do sofá e afastou-se dos meninos que chutavam um ao outro, cada um deitado na extremidade oposta do sofá.

— Tia Susan — Becca disse baixinho. — Estou morrendo de medo.

— Seu pai é bom motorista. Eles devem estar parados em algum lugar onde não há sinal de celular e...

— Não, não é disso que estou falando. Estou preocupada com eles, mas estou morrendo de medo porque alguma coisa vai acontecer. Vi uma carta na escrivania do papai. De um advogado. Eu abri a carta.

— Ah, Becca. Sinto muito. Tenho certeza de que vão resolver a situação.

— Não, a carta fala de divórcio, de documentos e do acordo deles. Não entendi bem, mas parece que já está tudo acertado. Você sabe de alguma coisa?

Silêncio do outro lado da linha.

— Querida, eu gostaria de ir até aí neste momento para ficar com você. Sinto muito mesmo. Estamos orando por seus pais, e eu sabia que a situação estava ruim. Mas não sabia que eles contrataram um advogado.

Lágrimas correram pelo rosto de Becca.

— Por que eles estão fazendo isto?

Uma pausa do outro lado da linha.

— Querida, você precisa se controlar na frente de seus irmãos. Vamos

até aí esta noite e conversaremos sobre o assunto. Todos juntos. Entendeu?

Senti um arrepio ao ouvir minha irmã falar com minha filha daquela maneira. Nunca havíamos sido o que eu chamaria de “íntimas”, mas percebi que as palavras dela consolaram Becca. Susan estava agindo em meu lugar, proporcionando o apoio e o consolo que eu não podia dar.

O barulho dos meninos aumentou. Em seguida, David levantou-se, enrolado no cobertor. Ao correr, bateu de encontro à maçaneta da porta e caiu no chão. O choro tomou conta do ambiente.

— Justin! — Becca gritou.

— Eu não fiz nada!

— Preciso desligar, tia Susan.

— Ligue para mim se receber notícias.

— Pode deixar.

— E saiba que estamos orando por vocês.

— Obrigada. — Becca desligou o celular, abraçou David e conduziu-o à sala de estar. — Precisamos ficar juntos até tudo isto passar. A mamãe e o papai estão presos no trânsito em algum lugar.

— Eles vão ficar bem? — David perguntou, choramingando.

Meu coração partiu-se ao ouvir sua preocupação.

— Vão, sim, mas não podem ligar agora. Por isso temos de ficar juntos. Quero que vocês subam a escada e peguem todas as suas cobertas. Vamos arrastar os dois sofás, um para perto do outro, e fazer uma barraca bem grande na sala de estar para a gente se aquecer.

— Eu topo! — Justin exclamou.

— E o Papai Noel? — David perguntou. — Se a gente ficar na sala de estar, ele não vai chegar, não é mesmo?

Justin deu uma risadinha, e Becca fingiu não ter visto. Ela se pareceu comigo quando disse:

— Ele vai chegar, se a gente estiver dormindo.

— Mas como ele vai ver a árvore se a luz não voltar?

Justin revirou os olhos.

— Esse cara é capaz de entrar em qualquer casa do planeta e passar pela chaminé, e você está aí pensando se ele vai conseguir enxergar?

Ela acendeu a lanterna e entregou-a a David.

— Vocês dois, peguem suas cobertas e voltem rápido. Nada de brigas. E desçam a escada com cuidado.

Os dois desapareceram em segundos, e Becca acessou sua lista de contatos no celular. Escolheu o meu telefone e o de Jacob e enviou esta mensagem: “Estamos bem. Espero q vcs estejam seguros”.

Ela apertou a tecla “enviar” e fechou o celular. Olhou pela janela da frente e, ao ver a neve caindo, começou a chorar. Limpou as lágrimas rapidamente porque os meninos já estavam descendo a escada.

Desviei o olhar da cena, impressionada com sua emoção e determinação. Queria estender a mão para tocá-la, escrever uma mensagem na janela ou gritar, mas não podia fazer nada. Quando olhei novamente, Becca havia desaparecido e vi meus pais, com suas roupas dominicais, sentados um ao lado do outro num culto na véspera de Natal na casa de repouso onde moravam. Havia cerca de vinte pessoas presentes, todas usando belas roupas vermelhas e verdes. Quando o pastor, de calça cáqui e camisa polo, perguntou se alguém queria fazer um pedido de oração, várias pessoas levantaram a mão. Minha mãe segurava um chumaço de lenços de papel e levantou a mão quando o pastor perguntou se havia pedidos de oração não revelados. Ele assentiu com a cabeça, como se houvesse entendido. Minha mãe levou os lenços ao rosto, e meu pai colocou o braço no ombro dela e puxou-a para perto de si.



Não havia pensado nisto até aquele momento. Se eu estava presenciando os acontecimentos em tempo real, talvez pudesse encontrar Jacob. Voltei a olhar para a janela e sacudi-a; um pouco da água espirrou para fora e caiu na madeira em chamas.

— Tome cuidado — Jay disse a meu lado, mas esforcei-me para continuar concentrada no vapor denso até avistar um prédio. Através da neve e da janela embaçada pela neblina vi um homem andando de um lado para o outro, em seu escritório com paredes forradas de livros, olhando para fora. Sobre a escrivaninha havia várias folhas de papel em branco, com esta anotação: “Assine aqui”. Ele olhou para o relógio de pulso, pegou o celular e digitou um número.

— Não é isto que quero ver — eu disse a Jay. — Quero saber onde meu marido está.

– Não tente controlar a situação – ele disse. – Você saberá. Basta observar.

A cena seguinte era a casa de minha irmã. Ela e o marido no *closet*, com papéis e presentes ao redor, oravam fervorosamente. Por nós. Por nosso casamento. Aquilo era humilhante e vergonhoso.

– Há pessoas que se preocupam com você – Jay disse.

Envolta na neblina novamente, a água borbulhando e formando espuma, vi outra casa com poucos livros e piso de linóleo. Um indivíduo sentado diante de uma mesa de computador improvisada, uma TV exibindo um jogo de futebol americano em volume alto ao fundo. Com uma cerveja numa das mãos e um *mouse* na outra, ele navegava à procura de seus contatos no Facebook. Fechei os olhos.

– Você o conhece? – Jay perguntou.

– É um amigo que conheci no colégio.

– Mas vocês voltaram a se encontrar.

– Somente *on-line*. Não houve nada, de verdade. Encontrei a foto dele no Facebook e passamos a ser amigos.

Quanto mais nos detivemos na casa de Erik, enquanto ele digitava uma mensagem com dois dedos, mais interessado Jay ficou e mais desconfortável me senti. Deixei a panela afastar-se do fogo, mas Jay segurou minhas mãos.

“Desejo a você um Feliz Natal e muita alegria”, Erik escreveu. “Espero que tudo fique bem com as crianças nos dias pela frente. Espero que o futuro seja melhor para você. Com amor, Erik.”

– Ele não se deu bem na aula de datilografia – brinquei.

Jay continuou concentrado.

– Pelo jeito que ele escreveu, não é só um velho amigo.

– Conversamos algumas vezes nos últimos meses – eu disse, e parecia faltar sinceridade em minha voz.

– Vocês foram namorados no colégio?

– Mais ou menos. Éramos apenas duas crianças.

– Mas têm uma ligação agora.

– Tenho muitos amigos no Facebook.

– Quantos deles enviaram felicitações na véspera do Natal? No dia do aniversário do seu casamento? No dia em que ia assinar os papéis do divórcio?

Não respondi. Vi Erik amassar a lata de cerveja e atirá-la no lixo e depois pegar outra na minigeladeira sob a mesa improvisada.

— Vocês já ficaram frente a frente?

— Só em reuniões de ex-alunos. Eram encontros inocentes. Ele pensou em mim e me escreveu para ser simpático.

— Percebi alguma coisa em seus olhos quando você o viu. Quando leu a mensagem dele, uma luz se acendeu.

Confirmei com a cabeça.

— Tudo bem. Admito que houve uma centelha. Apenas lembrei-me daqueles anos tão distantes. Uma paixão tola na juventude. Ginástica mental a respeito do passado. Imaginei como as coisas poderiam ter sido diferentes se...

— Se você tivesse escolhido aquela vida em vez desta — Jay disse. — E se seria ou não tarde demais para tomar uma atitude?

— Acho que um pensamento passou por minha mente de que poderíamos ter tido uma vida juntos. Ele está saindo de um relacionamento que não deu certo. Aprendeu muito com isso — complementei, percebendo que estava na defensiva.

— Por exemplo, como controlar a bebida.

— Bem, eu não sabia disso. Ele deve ter um bom estoque de cervejas. — A cena prosseguiu, e tentei conversar para disfarçar meu desconforto, rindo de algumas lembranças esparsas de Erik quando éramos jovens.

— Marlee, você tem uma boa chance de ser feliz. Tem filhos maravilhosos. Sua família a ama. Preocupa-se com você. A maior esperança de um amor duradouro não é com outra pessoa, a não ser com aquela a quem você disse “sim”.

— Minha maior esperança morreu anos atrás. Jacob nos vê como mais um investimento que não deu certo. Talvez ficasse conosco para evitar processos legais e para manter as crianças sob um teto, mas não lutaria mais. Ele está na fase do *tanto faz*. Qualquer coisa que acontecer agora será boa para ele. Jacob está morto emocionalmente. Só pensa no trabalho. Não liga para mais nada. E, sinceramente, gosto disso.

Jay não fez nenhum comentário e felizmente a cena mudou de novo, desta vez para uma região escura e coberta de neve. Não consegui distinguir o cenário por causa da neve.

— Este lugar é perto daqui? — perguntei.

— Não sei — Jay respondeu. — Espere um pouco. Parece que há o sapato de alguém despontando na neve.

Prendi a respiração e disse com voz sufocada.

— É *dele*. De Jacob.

Examinei a cena e avistei, através da nevasca, algumas árvores, um declive e a estaca de uma cerca de proteção. — Conheço este lugar. Fica abaixo de onde nosso carro rodopiou.

Jay levantou-se com um salto e correu para a porta da frente, colocando o casaco sobre os ombros. Eu o segui, mas ele me disse que permanecesse perto do fogo. Que continuasse diante da cena.

Com lágrimas nos olhos, eu disse:

— Imaginei ter tropeçado numa pedra. Devia ser ele. Ele estava tentando chegar aqui.

— Vou encontrá-lo — Jay disse. — Fique aqui.

— Não, preciso ir com o senhor.

— Marlee... — Ele colocou a mão em meu ombro e senti uma onda de calor percorrer todo o meu corpo. Seria uma ligação do passado com o presente? — Fique aqui. Volto logo.

Tremendo e continuando a segurar a panela, coloquei-a de novo acima do fogo assim que Jay saiu. A água voltou a aquecer, e o vapor tomou conta de mim. Fechei os olhos, tentando descobrir se Jacob poderia estar vivo. Ele precisaria de cuidados médicos, mas sem telefone e sem sinal de celular eu não imaginava o que fazer.

A cena voltou para a pastagem, e o sapato de Jacob movimentou-se sob a neve. Bom sinal. “Levante-se”, sussurrei.

Faróis iluminaram a estrada acima, e em seguida o som terrível de borracha sobre gelo, tentativa de frear, tentativa de impedir o embalo do carro no declive da colina. O carro foi de encontro às árvores franzinas, com as luzes dos faróis balançando sobre a neve. Em seguida, tombou na encosta da colina, caindo na direção do meu marido.

Um chiado, e a fumaça evaporou-se diante de mim. Coloquei a panela no chão e corri em direção à porta dos fundos para olhar a cena. Não consegui enxergar nada por causa da tempestade, nem mesmo os faróis.

Desesperada, peguei um pouco da neve do quintal, coloquei-a na vasilha de plástico e corri para perto do fogo, despejando-a rapidamente na panela. Segurei a panela acima do fogo até a neve começar a derreter.

“Vamos”, murmurei.

Notei um movimento atrás de mim. Rue estava de volta, farejando e choramingando na porta da garagem. Quando voltei para perto do fogo, a fumaça subiu, e entrei na história sem pensar, sem saber se funcionaria ou não. Observei atentamente o vapor, à procura de meu marido e do senhor idoso que seria seu paramédico e salvador.

No entanto, não consegui ver a pastagem.

Capítulo 5

Uma mulher de longos cabelos castanhos carregava uma criança febril de um lado para o outro na cozinha de um pequeno apartamento. A tosse do bebê, causada por difteria, assustou-me. O ruído no peito dele assemelhava-se a bolinhas de gude sacudidas numa lata. Havia um nebulizador ao lado do berço vazio, e a mulher levou a criança para perto dele. Ao lado da janela, avistei uma árvore de Natal de galhos secos, enfeitada com uma guirlanda de segunda mão.

Quando a mulher se virou, vi uma expressão conhecida em seu semblante. Seria eu, anos antes, com Becca? Não reconheci o apartamento. Teria escolhido a panela errada?

O telefone tocou e, quando a mulher o atendeu, o bebê começou a chorar, a tossir, a gemer.

– A febre está aumentando. Não consigo baixá-la. Não sei o que fazer.

A voz. A voz *dela*. Minha filha era a mãe.

– Não, não vou ligar para ela – Becca disse. Alguém disse alguma coisa do outro lado da linha. – Não me interessa se ela pode ajudar, não vou ligar para ela.

Lentamente, a cena no apartamento desapareceu, e eu estava num ambiente barulhento, escuro, cheio de risadas, música e pessoas desvencilhando-se da neve no chão de madeira molhado. Numa mesa no canto, dois homens jovens de aspecto sadio e bonitos, com barba por fazer, levantaram os copos e brindaram-se.

– A mais um Natal – o mais moço disse. – Muito bom ver você.

– Também gostei – o outro disse, tomando um longo gole de bebida.

Silêncio entre eles. Pouca troca de olhares.

– Parece que foi ontem, não?

– O quê? O acidente?

O homem assentiu com a cabeça.

– Vinte anos atrás, numa noite como esta. Nossa vida mudou para sempre.

Um rápido olhar em direção à mesa.

– É verdade. Gostaria de saber como Becca está se sentindo esta noite.

– Para ser sincero, acho que ela e o marido não estão indo bem.

– Para mim não é surpresa, e para você?

O mais moço sacudiu a cabeça.

– Você está bem?

Outro trago longo e uma encolhida de ombros.

– Claro, desde que tenha um deste na mão – ele olhou firme para o copo. – Se eu tivesse de ser franco, diria que me sinto perdido. É como se houvesse mil estradas para escolher e todas terminassem num beco sem saída. Sempre que há previsão de neve ou vejo a luz piscar por causa de uma falha na rede elétrica, vou para a sala de estar e me escondo debaixo daquelas cobertas.

– O Natal nunca mais foi o mesmo depois daquele ano, não?

Um movimento afirmativo com a cabeça. Ele esvaziou o copo.

– Você conversou com a mamãe recentemente? – David perguntou.

– Não. Ainda é difícil esquecer o passado e tudo o que aconteceu.

– Concordo. Mas isso foi há vinte anos. Talvez esteja na hora de esquecer.

– Posso trazer outra bebida para vocês? – perguntou uma linda garçonete, surgindo de repente ao lado da mesa.

– Temos tempo para mais dois destes – Justin disse.

– Volto já – ela disse.

O burburinho no bar e os dois na mesa desapareceram junto com os pratinhos de amendoim e a música estridente. Embora quisesse ver meu marido, eu deparara com uma cena inteiramente diferente e inesperada.

Como se não bastasse ver meus filhos, a cena a seguir deixou-me estarecida. Jacob, o marido de minha juventude, estava muito mais velho e com os ombros curvados para a frente. Seu rosto, devastado pelo tempo, exibía uma barba rala. A pele enrugada apresentava manchas senis, e os olhos eram tristes e inexpressivos. Ele fazia a refeição em silêncio, sentado ao lado de uma árvore de Natal sobre uma mesinha. Fotografias espalhadas sobre a mesa de café. Imagens do que não mais existia.

Não notei nenhum detalhe significativo na cena até o momento em que ele se levantou. A caminhada da mesa até a cozinha foi um esforço hercúleo. Sua perna direita estava quase paralisada, e ele a arrastava.

Faltavam-lhe dedos nas duas mãos. Estiquei o braço nas sombras, mas não houve nenhuma conexão.

— Oh, Jacob — eu disse.

E, de repente, eu estava atravessando o torvelinho da neve, inserida em outra cena — a cena de uma mulher guardando as compras no armário. Apesar de não ver o rosto, eu a conhecia. Somos sempre capazes de distinguir a nós mesmos de costas. Antes eu havia comparado o quadril estreito de minha juventude com o de uma mulher de meia-idade; agora comparando-o com o quadril de uma mulher vinte anos mais velha. A gravidade continuara sua obra, mas senti uma ponta de orgulho diante de minha aparência. O cabelo estava mais curto, mais grisalho em alguns lugares, principalmente na raiz, e os braços apresentavam um pouco de flacidez. Quando me virei, vi rugas em meu rosto e pele sobrando no pescoço, que poderia estar mais esticado. No todo, eu não estava tão mal assim se levasse em consideração apenas os atributos físicos. O que mais me preocupava era a expressão de meu rosto.

Um som de comerciais e aplausos veio da sala de estar. O barulho desagradável inconfundível de futebol americano na televisão. Embaixo da pilha de mantimentos havia uma caixa de cerveja, e, antes que eu tivesse tempo de jogar fora os outros sacos, a figura imponente de Erik entrou na cozinha.

— Espero que você não tenha ligado o aquecedor nos fundos. — Ele rasgou a caixa, apalpou as latas e praguejou. — Estas vão ficar na geladeira lá embaixo. E você poderia trazer o resto das cervejas quando voltar?

Pelo menos foi um pedido, não uma ordem, mas a maneira como o aceitei deixou-me de queixo caído. Assim que ele saiu, resmunguei algumas palavras enquanto levantava a caixa de cervejas.

— O que foi? — ele perguntou, virando-se para trás.

— Nada.

— Nada não, o que você disse? — Erik estava em pé na porta, de onde podia gritar comigo e, ao mesmo tempo, ter uma boa visão do jogo em andamento. Eu não acreditava no que via. O homem bom e atencioso que enviara *e-mails* e mensagens de apoio me olhava agora com arrogância.

Quando me curvei para pegar a caixa, ele segurou meu braço com força.

— Não me ignore. Repita o que disse.

— Nada — repeti implorando, com lágrimas nos olhos, trêmula. Havia

um medo verdadeiro, como se a discussão não fosse acabar ali. Talvez isso tenha contribuído para a falta de expressividade em meu olhar. — Solte-me, por favor. Volto logo.

— Acho bom — ele berrou.

Olhei ao redor da cozinha e vi fotografias das três crianças em lugares indistintos, escondendo-se aqui e ali, como se uma interrupção temporária do passado repercutisse no presente. Senti uma pontada no estômago, como se houvesse recebido uma revelação, e vi o que ninguém poderia prever em relação à verde grama do vizinho, do outro lado da cerca da minha vida sentimental. A situação era idêntica a levar um animal selvagem para casa e tentar domesticá-lo. O único sinal de vida na casa não era o barulho produzido pelos filhos ou netos, mas uma guerra esportiva e uma manifestação fortuita de fúria. E eu subindo penosamente a escada, carregando a última caixa de cerveja para o homem de meus sonhos. Como isto pôde acontecer? Teria eu passado vinte anos com... ele?



O vapor borbulhou e começou a diminuir. Rue permaneceu a meu lado, observando a última porção de neve evaporar-se. Coloquei a panela na frente da lareira e respirei fundo. Pensamentos ansiosos atormentavam-me como uma tempestade devastadora. Corri para a janela dos fundos à procura de um sinal de vida ou de luz. Nada, a não ser escuridão. Tirei o fone do gancho novamente. Mudo. Encontrei a lanterna e dei uma olhada na garagem. O carro de Jay não estava lá, e o portão continuava aberto. A camada de neve atingira 1 metro de altura e vi marcas de pneus no meio da rampa de entrada. Na garagem havia uma caminhonete, e presumi que tivesse tração nas quatro rodas.

Sem poder fazer nada, vi Rue subir a escada e desaparecer de minha vista. Segui-o. Meus passos ecoavam por toda a casa. Enquanto subia a escada, senti que o piso de madeira era liso e frio. Acendi a lanterna para verificar o corredor e constatei que de ambos os lados havia quartos de portas fechadas. Em vez de números, cada porta trazia uma palavra: “Bondade”, “Paz”, “Paciência” e várias outras que faziam parte da lista do fruto do Espírito. (Não sou profunda conhecedora da Bíblia, mas lembrei-me daquelas palavras.) Abri a porta onde lia-se “Alegria” e me deparei num

quarto iluminado e atraente, mobiliado com uma cama *king-size* coberta por um edredom amarelo e papel de parede com as cores do brilho do sol e do arco-íris. Sorri ao ver a cena. Avistei um quadro de um cesto de frutos bordado à mão, com estes dizeres: “Mas o fruto do Espírito é... alegria”. Estantes repletas de livros para casamento e alguns romances forravam as paredes.

Fechei a porta e caminhei até o fim do corredor onde havia outra porta entreaberta, com espaço suficiente para Rue passar por ela. Do lado de fora estava escrita a palavra “Paz”. Uma pequenina fresta de luz iluminava o piso do corredor. Parei para ouvir uma voz sussurrada que vinha de dentro e pairava no corredor como um floco de neve leve demais para cair. O som era da oração de uma pessoa lutando, cujas palavras eram proferidas com grande dificuldade. “Dá-me força para enfrentar esta provação”, a mulher dizia. Não consegui ouvir mais nada.

Após um momento de silêncio, falei:

— Olá! — Rue correu até a porta e espiou, com as orelhas em pé e alertas.
— Não queria incomodá-la.

— Entre — ela disse. Sua voz tinha o som de pedregulhos.

Empurrei a porta para abri-la. Rue deu um passo para trás, correu em direção a uma cadeira no canto e saltou na cama. O fogo na lareira conferia um brilho dourado ao quarto. Desliguei a lanterna e segurei-a ao lado do corpo. Vi outra cadeira confortável ao lado do fogo e uma Bíblia surrada sobre uma mesinha de cabeceira. Mais estantes repletas de livros forravam a parede. Reconheci a cômoda imediatamente, por ser do mesmo tipo que minha mãe me dera. O papel de parede era azul-celeste, e o fogo da lareira transformava o quarto num ambiente aconchegante e acolhedor.

— Você deve ser Marlee — disse a mulher de cabelos brancos que mal apareciam sobre o edredom. Ela estava envolta numa pilha de cobertas.

— E a senhora é a mulher de Jay? — perguntei, aproximando-me dela.

— Estava à sua espera. Ele me contou o que aconteceu. Puxe uma cadeira e sente-se perto da cama para que eu possa vê-la enquanto conversamos.

— Não posso ficar aqui. Só queria pedir sua permissão para pegar o outro carro seu para encontrar meu marido. Jay saiu à procura dele e estou preocupada.

Com grande esforço, ela conseguiu recostar-se na cabeceira da cama. A

iluminação era mais fraca naquele lado do quarto, mas consegui ver sua fisionomia sob a luz tremeluzente. Os cabelos eram brancos, e o rosto, enrugado como os manuscritos amassados de um escritor perfeccionista. Suas mãos tinham nós e veias saltadas. A pele a revestia como um casaco velho. O rosto estava pálido, e ela lambia os lábios com a língua aparentemente inchada, tentando molhá-los.

— Você poderia me dar aquele copo d'água? — ela perguntou, apontando com o dedo trêmulo para a mesinha de cabeceira ao lado da cama.

Ofereci-lhe o copo d'água, segurando-o firme. Ela tomou alguns goles com um canudinho, como se fosse uma criança, estalando os lábios e movimentando a cabeça afirmativamente. Suspirou fundo antes de dizer:

— Obrigada.

Recoloquei o copo na mesinha, e ela perguntou se a tempestade havia abrandado. Quando me virei, vi uma preocupação em seu semblante que me parecia bem conhecida. Um brilho nos olhos que me tocou como se eu já o tivesse visto.

— Acho que não está diminuindo. Estou preocupada com meu marido. E com o seu também.

— Pode usar o carro. Ele costuma pendurar as chaves no quadro de ferramentas da garagem. — Suas palavras foram proferidas lentamente, com esforço, como se ela quisesse dizer algo mais, porém se conteve por algum motivo.

Quando me virei para sair, ela estendeu a mão artrítica e segurou-me o pulso. Uma corrente elétrica percorreu-me o corpo, uma experiência sensorial que nunca tivera, como se uma conexão proibida de misericórdia houvesse se estabelecido

— O que está havendo? — a mulher perguntou. — Há alguma coisa perturbando você. Alguma coisa que você viu.

Fitar os olhos dela era o mesmo que olhar para um oceano revolto. Ela levantou as sobrancelhas antes que eu pudesse falar e deu um sorriso astuto.

— Ah, meu marido lhe mostrou o poder da neve.

— Sim, e vi algo terrível.

— Viu o futuro?

— Na terceira panela. Coloquei a neve dentro dela por engano... —

minha voz era arrastada, e o quarto parecia rodar. — A última cena da época atual mostrou um acidente e, na pressa, peguei a panela errada.

— Está tudo bem. Sinto muito por você ter passado por isso sozinha.

— Eu pre... preciso saber — gaguejei. — O que eu vi é algo que *pode ser* ou que *vai ser*? Quero saber se tem de ser desta maneira ou se o futuro pode ser mudado.

— E se puder ser mudado, *você* quer saber como mudá-lo, é isso?

— Sim. Exatamente.

Ela piscou à semelhança de Yoda, personagem do filme *Guerra nas estrelas*, depois fechou os olhos, levantou um dedo e traçou um desenho invisível no ar.

— Da mesma forma que um floco de neve muda a estrutura da água, uma escolha muda a estrutura de uma vida. O que se parece com um acidente muda tudo. Como aquele globo de neve que você quebrou no seu aniversário de casamento.

— Como a senhora sabe disso? — perguntei. Eu não contara a história nem mesmo às minhas amigas mais chegadas. Compramos uma réplica do globo e não contamos a verdade aos proprietários.

A mulher continuou com os olhos fechados e a mão pousada no edredom. Quando ela mexeu as pernas sob as cobertas, Rue esticou e curvou a língua. Suas pernas tremiam enquanto ele se espreguiçava. Em seguida, se aconchegou de novo.

Quando tornei a olhar para o rosto da mulher, ela estava sorrindo, mostrando os dentes desgastados pelo tempo, e foi naquele sorriso que finalmente reconheci quem ela era. O dente lascado. Os olhos castanhos desbotados. O rosto dela era um espelho que projetava um avanço no tempo.

Eu me vi naquele rosto.

Recuei, tentando respirar. As perguntas rodopiavam em minha mente.

— Não pode ser... a senhora não pode ser...

— Eu sou.

— Mas, se a senhora é... então Jay... é Jacob?

— É.

— Por que, então, não o reconheci? Como pude ser tão cega?

— Lembra-se da história dos dois homens a caminho de Emaús? — ela perguntou.

Aquela era uma expressão bíblica. Dizia respeito à aparição de Jesus aos viajantes após a ressurreição, mas não entendi o que ela queria dizer.

— Enquanto caminhavam juntos, eles não reconheceram aquele a quem amavam — ela disse. — Os olhos deles estavam fechados por causa do sofrimento. Depois, os homens sentaram-se perto do fogo, e Jesus continuou a conversar com eles. As palavras de Jesus abriram os olhos deles, e eles sentiram o coração queimar. Diga-me uma coisa — ela prosseguiu. — Aquilo que você viu na neve derretida fez seu coração ansiar por outra chance? Por um desfecho diferente para sua vida?

— Sim — eu disse, com voz embargada.

Ela olhou dentro de minha alma e estendeu as duas mãos.

— Então é isso. O que você vê aqui é tão possível quanto o que viu na neve. Nenhuma das cenas é real. Mas você pode escolher.

Sentei-me na cama. O ar era escasso no quarto.

— Mas há tantas mágoas. Uma distância muito grande entre ele e mim. Não dá para começar tudo de novo.

— Você pensa que não sei? Sei o que você tem sofrido.

Olhei firme para o fogo, imaginando por que ele não reduzia de intensidade e se apagava. É preciso ter madeira para alimentar o fogo. É preciso ter esperança para manter o casamento intacto.

— Então, a senhora não é verdadeira? É apenas igual à mulher que vi casada com Erik?

Embora o corpo dela estivesse devastado pelo tempo, aquelas palavras não empanaram a súbita doçura em seu rosto ou em suas palavras.

— Você ganhou um presente que poucas pessoas estão preparadas para receber. Viu dois futuros diferentes, dois caminhos diferentes para o que pode vir pela frente.

— *Pode* — repeti. — Não está determinado. O futuro pode ser mudado.

— É verdade. Mas o que pode ser nunca será, a menos que você tome a decisão de aproximar-se de seu marido. O que pode ser nunca será, se for abandonado. Você nunca sentirá a alegria e a ternura de um amor duradouro, a não ser que lute por ele. Sei disto agora. A pergunta é: você está disposta? Ou vai deixar-se acomodar por outros motivos?

— As crianças. Como será a vida delas em sua versão do futuro? — quis saber.

— As crianças vão lutar, seja qual for a sua escolha — ela disse. — As

escolhas *delas* também são importantes. Mas posso garantir-lhe que sentirão os efeitos daquilo que você decidir esta noite.

Uma sensação de calor, porém assustadora, tomou conta de mim, como chocolate quente... ou mais parecida com radiação. E o medo veio à tona com a precipitação de meus pensamentos.

— Tenho tentado muito. Faz tempo que procuro melhorar nosso relacionamento.

— A questão não é tentar com mais perseverança. No fim das contas, a questão não é saber se você está fazendo a coisa certa ou se ele está reagindo da maneira certa. A questão é abandonar sua visão limitada. Não se trata de saber o que você é capaz de recolher do solo de sua imaginação. Estou falando de permitir que Deus faça o que você não é capaz de fazer. Esse sempre foi o cerne de tudo. Tanto para os dois homens na estrada dois mil anos atrás como para os homens na estrada esta noite.

— Então eu tenho a chance de acertar as coisas...

Ela sacudiu a cabeça.

— Não se trata de acertar. Trata-se de fazer boas escolhas. É como pôr um pé adiante do outro num caminho bom, um caminho que a levará a um lugar na estrada do qual você poderá se orgulhar, seja qual for a resposta que receber.

— Estou confusa. A senhora não está prometendo um marido que tem um cachorrinho e prepara *chili*? Um homem que quer ajudar os outros em seus problemas conjugais? Não tem certeza do que vai acontecer?

— Há dois futuros e infinitas possibilidades à sua frente. Você pode seguir um ou outro neste momento, dependendo da escolha que fizer. Mas nunca vai saber como será seu casamento, que vida poderá oferecer às outras pessoas, se não der o primeiro passo.

Rue sentou-se na cama, com as orelhas em pé novamente, olhando pela janela. Vi, através da neve espessa, um clarão amarelo na escuridão.

— Quem escolheu o nome dele? — perguntei, apontando com a cabeça para o cão.

— Jacob — ela disse. — Foi depois que ele se arrependeu de algo. Serve para mostrar que o arrependimento pode ser bom quando se faz uma boa escolha.

Acariciei a cabeça do cão e pousei a mão no braço da mulher.

— Não entendi tudo. Mas agradeço.

Ela sorriu.

— É melhor apressar-se. Vá ao encontro deles. Você já fez sua escolha. Sei disso.

Olhei de novo para a porta. O cão estava deitado sobre as cobertas, a mão dela sobre sua cabeça, uma cena que permaneceu comigo enquanto descia correndo a escada no escuro e o fogo se extinguia na lareira. Meus sapatos estavam secos, e enrolei-me às pressas em meu casaco leve. Encontrei as chaves e apertei o botão do portão da garagem para abri-lo manualmente. O enorme veículo começou a se mover como uma tartaruga sobre a camada profunda de neve. Aos poucos, foi ganhando velocidade e atravessou a rampa de acesso concretada enquanto eu deslizava e escorregava em direção à estrada. Acionado o modo de tração nas quatro rodas da caminhonete, tentei acelerar o suficiente para fazê-lo rodar, mas não a ponto de perder o controle.

A estrada estava deserta, e as trilhas deixadas pelos pneus do outro carro praticamente não existiam em razão da nevasca. Notei, pelo espelho retrovisor, um brilho fraco de luz vindo pela janela do segundo andar; em seguida, a casa desapareceu através das árvores e da cortina de neve. Depois de alguns minutos, quando cheguei à estrada principal, girei o volante para a direita com muita rapidez, e as rodas traseiras derraparam. Girei o volante para a esquerda, e o veículo patinou na neve, mas consegui readquirir o controle, voltar para a estrada e descer a colina.

As palavras dela, *minhas palavras*, ecoavam enquanto eu dirigia. *Uma escolha muda a estrutura de uma vida. Você nunca sentirá a alegria e a ternura de um amor duradouro, a não ser que lute por ele.*

Os flocos de neve, como se fossem escolhas, batiam com força no parabrisa. Acendi o farol alto, mas de nada adiantou. Na verdade, piorou, porque os flocos de neve começaram a cair em ondas, e o vento os lançava na estrada. Eu nunca ouvira falar de um *tsunami* de neve, mas, se existisse, eu estava no meio dele.

Pisei no freio ao chegar a um declive mais acentuado, e o carro enveredou para a direita; os pinheiros à beira da estrada aproximavam-se perigosamente. Tirei o pé do freio, imaginando que cairia no barranco, mas o veículo endireitou-se sozinho. Eu estava tão concentrada em não perder o embalo sem sair da estrada que só avistei os faróis amarelos

quando estava quase em cima deles. Eu tinha apenas duas escolhas — dar uma guinada ou pisar no freio e esperar. Instintivamente, pisei no freio.

A estrada fez uma curva para a direita, e, assim que pisei no freio, o carro deslizou em direção à curva, em direção aos faróis amarelos. Os limpadores de para-brisa na velocidade máxima, os pneus dianteiros rodando para a direita e os faróis da caminhonete iluminando o carro capotado no campo. Mais faróis amarelos.

Numa fração de segundo, através da violenta nevasca, vi o rosto de meus filhos, de meus pais, de minha irmã e cunhado orando, e de meu marido. Jacob olhou pela janela do lado do motorista. No banco da direita estava Jay, a versão mais velha, mais sábia e mais compassiva de Jacob. Eles se encolheram e cruzaram os braços na frente do corpo à espera do impacto. E os dois rostos tornaram-se um.

— Não! — gritei, incapaz de girar o volante ou frear o carro. Ergui os braços, cobri os olhos e, pela primeira vez ao que me lembro, proferi uma oração vinda do coração. “Deus, ajuda-me! Mostra-me o que fazer!”.

Poslúdio

Aquela oração foi a última coisa da qual me lembro antes de abrir os olhos. Ao redor, tudo embaçado. Reconheci a voz antes de ver o rosto.

— Mãe! — Becca gritou. — Ela está acordada! Ela voltou!

Becca não estava mais velha, carregando um bebê que chorava. Era minha filha de novo. David e Justin estavam ao lado dela, um pouco afastados do leito do hospital, olhos arregalados e esforçando-se para se aproximar de mim. Eles me abraçaram da melhor forma que puderam, através dos fios e monitores. Minha cabeça parecia ter sido torcida e espancada várias vezes com uma chave de roda. Levei a mão ao rosto e senti uma atadura em volta da testa. A boca estava seca demais, e tentei pegar água para beber na mesinha de cabeceira, usando a mão na qual estava ligado o soro intravenoso, mas Becca adiantou-se e levou o copo com o canudinho à minha boca. Os lampejos de recordações turvaram-me os olhos novamente, desta vez com lágrimas.

— Ficamos preocupados, mãe — disse David. — As luzes se apagaram e ficamos sozinhos porque vocês não voltaram para casa.

— Mas Becca tomou conta da gente direitinho — interveio Justin.

Os olhos de Becca brilharam. Ela limitou-se a observar, ajeitando o cabelo atrás da orelha e fingindo desinteresse pelo que os meninos haviam dito. Era o mesmo que eu contemplar minha imagem no espelho.

— Vocês foram maravilhosos — eu disse — quando trouxeram aquelas cobertas para baixo e empurraram um sofá para perto do outro.

— Como você sabe disso? — Justin perguntou.

Fiz uma pausa.

— Eu imaginei, só isso.

Uma enfermeira entrou no quarto e as crianças afastaram-se para que ela verificasse meus sinais vitais. Ela usava um crachá, onde se lia: “Amanda”.

— Como se sente, sra. Ebenezer? — Ela prendeu alguma coisa ao redor de meu braço, ouviu com o estetoscópio e fitou-me.

— Muito bem, considerando tudo o que passei — respondi. — Muito bem mesmo. Por quanto tempo estive inconsciente? Que dia é hoje?

— Hoje é Dia de Natal — David disse. — Você precisa voltar para casa para a gente abrir os presentes.

— Primeiro preciso examinar sua mãe para ver se ela está bem, garotão — Amanda disse. — O pulso está bom. A pressão está normal.

— Disseram que você teve uma percussão — David disse.

— Concussão — Justin corrigiu.

— Verdade? — perguntei. — Bem, minha cabeça está parecendo um tambor que alguém tocou com força, por isso acho que, no meu caso, percussão é a palavra certa.

— Está doendo muito? — Amanda continuou a fitar-me. — Numa escala de um a dez.

— Por volta de cinco. — Levantei o tronco lentamente, e minha cabeça rodou. — E acho que quero ir para casa.

Amanda sorriu.

— Antes, vamos cuidar de sua percussão. Volte a deitar-se.

Segui seu conselho e descansei a cabeça com firmeza no travesseiro. Virei-me para a janela e vi a neve caindo aos poucos do lado de fora. A nevasca terminara, e os últimos flocos caíam vagarosamente como se dançassem. De repente, uma onda de pânico tomou conta de mim e olhei de relance para Becca.

— Onde está seu pai? Ele está bem?

Ela colocou a mão em meu ombro e aproximou-se.

— Vocês dois sofreram um acidente, mãe.

Fiz um esforço enorme para levantar, mas a enfermeira segurou-me na cama.

— Onde ele está? Onde Jacob está?

O alarme soou perto de minha cabeça, e houve uma agitação no quarto quando a enfermeira conduziu os meninos para fora. O som penetrou em meu crânio e repercutiu ao redor do cérebro. Becca estava chorando, e comecei a gritar.

— Onde ele está? O que aconteceu?

— Marlee — alguém disse. Aquela voz. A voz *dele*. Mais velha, mais nova, eu não sabia. Fechei os olhos. Seria real ou imaginação minha? Estava de volta à montanha ou vivendo a realidade?

— Marlee, estou aqui — Jacob disse. — Abra os olhos.

Algumas escoriações e uma atadura em volta da testa. Cinco dedos em cada mão.

— Como você está? — ele perguntou.

— Vamos, querida — a enfermeira disse a Becca, e as duas saíram do quarto. O alarme parou. Silêncio no quarto. Apenas nós dois.

— Estou bem, acho. — Senti-me atraída a fitar aqueles olhos azuis. Quase todos os pés de galinha haviam desaparecido, bem como a pele enrugada e os cabelos grisalhos. Mas a voz era a mesma. A mesma de Jay. Pousei a mão em seu braço, e uma intensa corrente elétrica percorreu-me o corpo, como quando segurei a mão da mulher idosa. Ele deve ter sentido o mesmo, porque pareceu prender a respiração ao segurar minha mão.

— Pensei que tivéssemos perdido você — ele disse.

— Pensei o mesmo a respeito de você. O que aconteceu?

— Estávamos quase entrando na County Line. Eu não deveria ter arriscado. Estava muito escorregadia. Um caminhão colidiu conosco. O seu lado foi o mais atingido.

— Eu me lembro do caminhão. Mas quando acordei você não estava lá. Saí do carro e tentei encontrá-lo. E, então, tropecei numa pedra... mas não era uma pedra...

Ele franziu a testa, aproximou-se de mim e disse com carinho.

— Seus pensamentos ficaram confusos. O motorista do caminhão nos socorreu. Tirou-me do carro, mas você estava presa no banco. Os paramédicos tiveram de tirá-la de lá. Você se lembra de alguma coisa?

Olhei para as cobertas da cama e para o soro em meu braço.

— Foi muito real.

— O que foi real?

— A neve. Escalei a colina até esta casa... era um refúgio. Havia um senhor idoso lá, à minha espera.

Ele sorriu e segurou-me a mão.

— Não, sinto muito, Marlee. Você não conseguiu sair sozinha do carro. Foi retirada pelos paramédicos numa maca.

— Jacob, alguma coisa aconteceu. Acho que não vou saber explicar inteiramente, mas foi como se eu tivesse recebido um presente.

— Nós sentimos o mesmo — ele disse com mais compaixão que o normal. — O fato de você ter acordado no Natal foi um presente para as

crianças. Para todos nós.

— Nós não assinamos os papéis, certo? Não conseguimos chegar ao escritório do advogado, não é?

— Isso. Mas ele havia aprontado tudo. O que foi? Por que está me olhando desse jeito?

— Tenho uma pergunta. Lembra-se da palestra sobre casamentos à qual comparecemos algum tempo atrás? Aquela na igreja.

Ele citou o nome do palestrante e o nome do evento de fim de semana.

— Isso mesmo. Eles deram um bloquinho de anotações. Você se lembra?

— Você precisa descansar, Marlee.

Sentei-me na cama.

— Não, é muito importante. Preste atenção. Havia um bloquinho de anotações na palestra; nós devíamos tomar notas, escrever alguma coisa nele. Você se lembra?

Ele concordou com a cabeça.

— Você escreveu alguma coisa durante uma das sessões. Uma coisa só. O que era?

— Já faz muitos anos.

— O que você escreveu, Jacob?

Ele olhou para fora e depois para os próprios pés. Coçou as mãos e fitou-me com aqueles olhos azuis.

— Foi alguma coisa que o palestrante disse. “Vale a pena lutar pelo casamento”.

Silêncio entre nós. Ele sentou-se na cadeira, e olhei para seu rosto.

— Sei que concordamos que o divórcio seria a melhor coisa para nós e para as crianças — eu disse. — Mas estou pensando se não poderíamos dar mais uma chance...

Jacob levantou as sobrancelhas, e algumas rugas se formaram em sua testa, mas ele voltou à expressão normal enquanto se sentava na cadeira à beira da cama.

— Você levou uma pancada muito forte na cabeça.

— Isso se chama *percussão* — eu disse sorrindo. — Você acha que estou maluca, não?

— Não, você só mudou um pouco de ideia. Como se um torcedor do Green Bay passasse a torcer pelo Bears de repente.

— Algo estranho aconteceu comigo na noite passada. Preciso pôr os

pensamentos em ordem para contar a você.

Ele acariciou minha mão.

— Claro. Nós podemos fazer isso. E quanto ao apartamento que aluguei? Que tal eu me mudar para lá?

— Acho que você não deve. A menos que queira. A menos que sinta que não consegue mais ficar conosco.

Ele olhou de relance para a janela, e eu olhei também, para a neve, rodopiando no vento de uma manhã de Natal. O sol lançava um brilho dourado na superfície da camada branca que cobria tudo.

— Quer saber a verdade? — ele perguntou. — Depois de ter você aqui de volta conosco, depois de ver a ambulância levá-la, sem saber o que estava acontecendo, sem saber se você estava bem ou se sobreviveria... comecei a pensar em algumas coisas.

Fitei os olhos dele e, naquele momento, vi Jay, uma versão mais velha de Jacob, mais madura.

— A pensar em quê?

— Em nós. Em mim. Nas coisas que fiz para me afastar de você. — O corpo dele curvou-se um pouco para a frente. — Você sabe... as atitudes que tomamos para manter distância um do outro. Para eliminar o diálogo e a comunicação entre nós. Concentramo-nos muito nas crianças e no que poderia acontecer a elas. — Ele fez uma pausa. — Mas tenho de lhe dizer uma coisa: minha vida não será a mesma se nos separarmos.

Sentei-me na cama rapidamente, tão rápido que quase desliguei o tubo do soro.

— Deixe-me perguntar uma coisa.

— Cuidado, senão você vai se machucar.

— Se você pudesse mudar uma única coisa em nossa família, não uma coisa grande, enorme, mas apenas uma coisinha da qual se arrepende, o que seria?

Jacob segurou minha mão com as suas e baixou a cabeça, encaixando-a entre seus braços esticados.

— Há muitas.

— Só uma. Qual a primeira coisa que lhe vem à mente?

— Provavelmente a questão do bichinho de estimação que as crianças tanto querem. Eu permitiria que tivessem um cão.

Recostei-me na cama com a cabeça apoiada no travesseiro, fechei os

olhos e uma lágrima correu por meu rosto.

— O que foi? Eu disse algo errado?

Sacudi a cabeça negativamente.

— Não. Foi uma resposta maravilhosa. Realmente... maravilhosa.

— E quanto a você? — ele perguntou.

— Tenho um milhão de arrependimentos — respondi. — Nunca lhe contei que gostava muito de vê-lo se esforçar no trabalho por nossa causa... Nunca lhe agradei por nos sustentar. Passo a maior parte do tempo reclamando de suas horas de trabalho. — Suspirei fundo. — Ou talvez seja a maneira como olho para você. Vejo seus defeitos, não quem você é de verdade... Não vejo seus esforços para melhorar. Sempre achei que você era o único que precisava mudar para eu ser feliz. Pela primeira vez sou capaz de ver como eu sou.

Ele pareceu chocado.

— Puxa! Isto é muito melhor que permitir que as crianças tenham um cão.

Eu ri.

— Não. É apenas a verdade.

A expressão voltou a ficar séria.

— Para ser franco, estamos atravessando uma fase longa e cinzenta. Não tenho muitas esperanças.

— Está tudo bem — eu me ouvi dizer. — Eu tenho o suficiente para nós dois.

Fitei os olhos do homem com quem eu havia começado uma jornada muito tempo atrás; os erros, as escolhas, a convivência de mais de vinte anos.

— Tenho pensado no futuro. — Respirei fundo. — E penso que será melhor se continuarmos juntos.

— Mesmo depois que peguei o caminho errado?

— Sim. E estou feliz por você ter pegado o atalho. Se você não tivesse feito isso, teríamos chegado ao escritório do advogado.

— Talvez um dia você vá se arrepender disso.

— Não creio.

Ele olhou firme para mim, e aquela sensação agradável percorreu-me o corpo, envolvendo-me inteiramente.

— Tudo bem. Vamos então trabalhar juntos. Vamos fazer algo de bom

acontecer.

As crianças estavam paradas na porta.

— Acho que já fizemos — eu disse, olhando para o topete de David. — Precisamos lutar. Não um contra o outro, mas lado a lado. Faça o que for necessário.

— Vai levar algum tempo.

— Não temos pressa. E aprendi que uma boa lareira é capaz de fazer maravilhas.

Jacob deslizou para o meu lado na cama. Uma após a outra, as crianças entraram correndo no quarto e ficaram pulando aos pés da cama.

A neve caía com mais força do lado de fora. As escolhas caíam como graça divina. A cena parecia um começo. Pessoas imperfeitas desembrulhando o presente perfeito. Foi ali que aprendi que não há lugar árido na terra onde um jardim não possa crescer.

Nem mesmo o seu coração.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opinio-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

GARY CHAPMAN

Best-seller da New York Times

5
AS

LINGUAGENS
DO AMOR

Como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge



3ª Edição

As cinco linguagens do amor - 3ª edição

Chapman, Gary

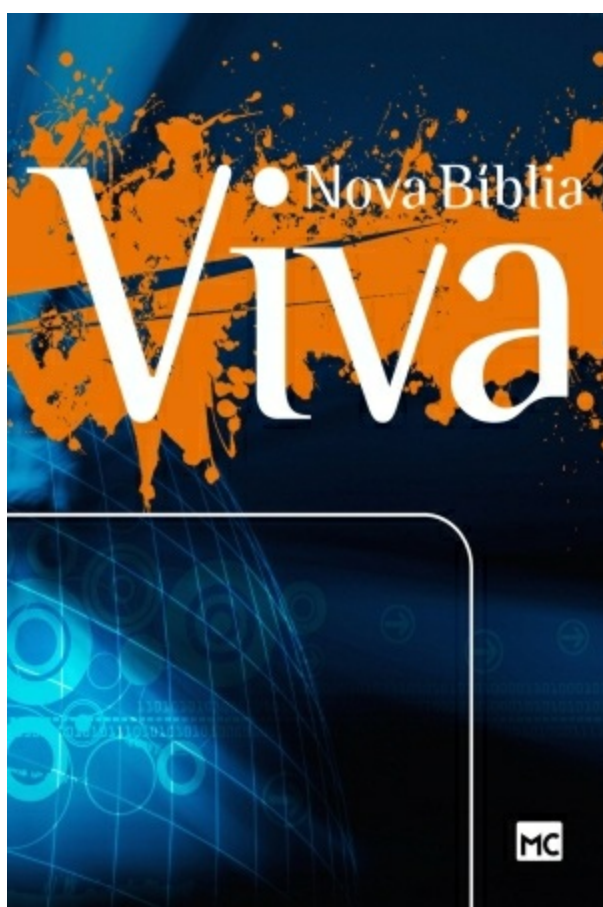
9788573259285

139 páginas

[Compre agora e leia](#)

As diferenças gritantes no jeito de ser e de agir de homens e mulheres já não são novidade há tempos. O que continua sendo um dilema é como fazer dar certo uma relação entre duas pessoas que às vezes parecem ter vindo de planetas distintos. Compreender essas diferenças é parte da solução e é nisso que Gary Chapman vai ajudar você. Com mais de 30 anos de experiência no aconselhamento de casais, ele percebeu que cada um de nós adota uma linguagem pela qual damos e recebemos amor. Quando o casal não entende corretamente a linguagem predominante de cada um, a comunicação é afetada, impedindo que se sintam amados, aceitos e valorizados. Nesta terceira edição de sua clássica obra sobre relacionamentos, que já vendeu mais de 8 milhões de exemplares, Gary Chapman não só explica as cinco linguagens como apresenta um questionário para os maridos e outro para as esposas descobrirem a sua linguagem de amor. Além disso, uma seção especial de perguntas e respostas vai esclarecer todas as suas dúvidas e lhe dar o direcionamento sobre como expressar melhor seu amor a seu cônjuge e ajudará você a compreender a forma dele manifestar o amor. Gary Chapman identificou cinco formas através das quais as pessoas expressam e recebem as manifestações de amor: palavras de afirmação; tempo de qualidade; presentes; atos de serviço; toque físico. Aprendam, você e seu cônjuge, a se comunicar através dessas linguagens e experimentem como é ser realmente amado e compreendido.

[Compre agora e leia](#)



Nova Bíblia Viva

Autores diversos

9788573258523

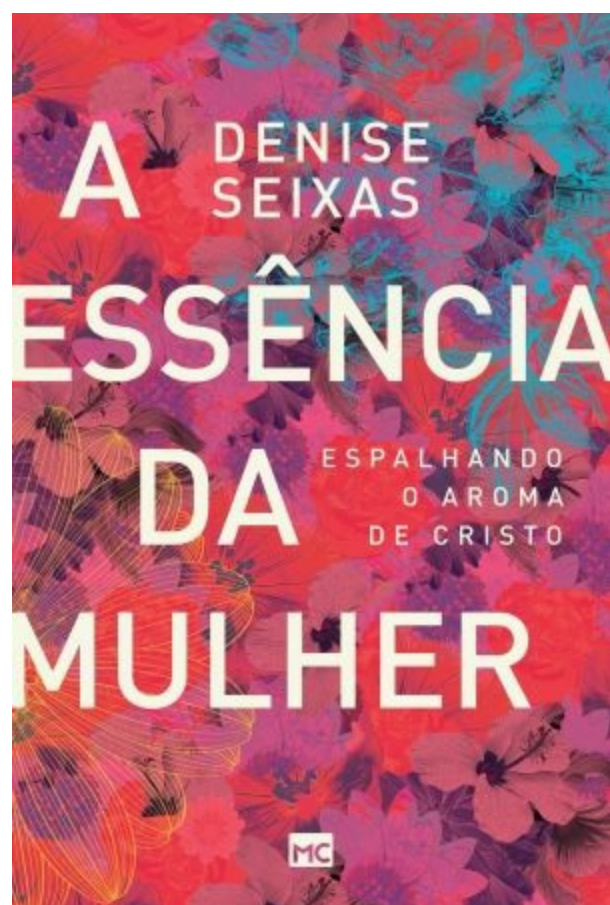
1056 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lançada em 1981, a Bíblia Viva foi a primeira edição brasileira da Bíblia Sagrada a contar com linguagem simplificada e de fácil compreensão. Ela foi concebida de acordo com os princípios de tradução que serviram de base para a pioneira Living Bible (EUA, 1971). O apelo da Bíblia Viva foi imediato, principalmente entre jovens e pessoas recém-convertidas ao cristianismo que desconheciam os termos eruditos e as construções sintáticas formais das versões bíblicas mais antigas. Para muitos leitores, abrir a Bíblia Viva passou a ser como respirar, pela primeira vez, o ar puro da compreensão. Duas razões motivaram esta revisão, empreendida em comum acordo entre a Sociedade Bíblica Internacional e a Editora Mundo Cristão. Em primeiro lugar, a língua portuguesa do Brasil é dinâmica, como todos os idiomas modernos, e muda de modo incremental e constante de acordo com os hábitos de uso do público que fala, lê, ouve e escreve. Percebemos que na Bíblia Viva havia elementos de linguagem já ultrapassados. O que era moderno e comunicativo no início dos anos 1980 já não era necessariamente tão expressivo. Havia a necessidade de trazer a Bíblia efetivamente para o século 21. Em segundo lugar, determinamos a necessidade de trazer algumas opções semânticas e sintáticas da primeira edição a um alinhamento maior com as línguas originais das Escrituras. Como resultado, a Nova Bíblia Viva é tão simples e fácil de entender como sempre, e agora está ainda mais fiel aos originais redigidos em hebraico, aramaico e grego. Houve outras alterações. Na primeira edição, a indicação de versículos seguia a lógica da unidade de pensamento.

Em vez de indicar versículos individuais, era feita a sinalização de blocos de versículos (ex.: 1-4, 12-15). Na Nova Bíblia Viva, a divisão em parágrafos adequados foi mantida, mas foram inseridos os números de versículos de acordo com a divisão tradicional.

[Compre agora e leia](#)



A essência da mulher

Seixas, Denise
9788543302782
161 páginas

[Compre agora e leia](#)

Denise Seixas convida você a deixar-se impregnar pela inigualável fragrância divina. Um aroma incomparável que contém a essência do Criador, capaz de restaurar qualquer aspecto de sua vida. Anseie pelo aroma de Cristo e busque-o, para que seus pensamentos e ações reflitam Deus. Revele sua mais bela essência, o sinal visível da graça de Deus. Que este livro seja um instrumento de Deus para incentivá-la a manifestar por meio de sua vida a essência de Jesus em todos os locais por onde você andar, a fim de levar até os confins da terra o perfume que dá vida a toda criatura. Denise Seixas

[Compre agora e leia](#)

kevin leman

é seu filho,
não um
hamster

Reduza o
estresse na
educação das
crianças



É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin

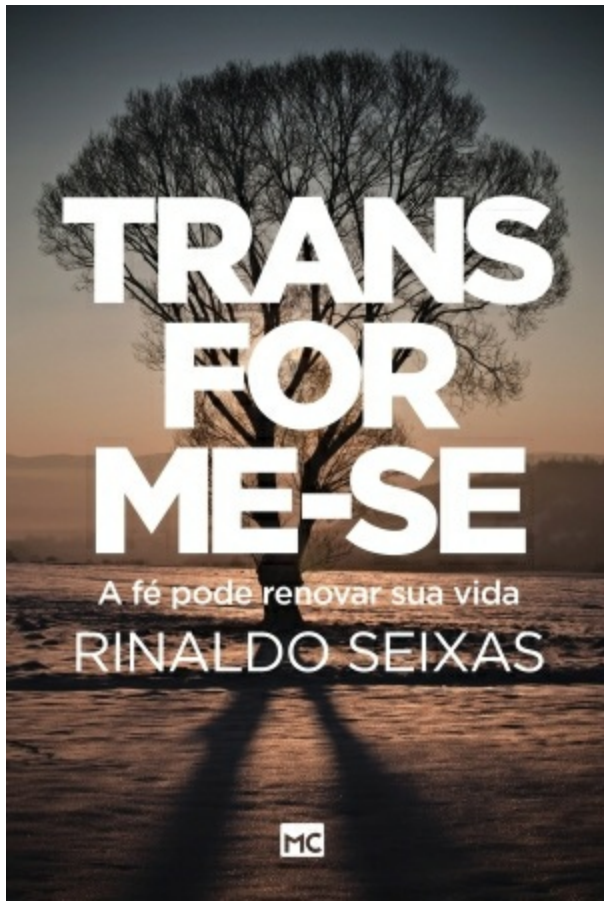
9788573258356

249 páginas

[Compre agora e leia](#)

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

[Compre agora e leia](#)



TRANS FOR ME-SE

A fé pode renovar sua vida
RINALDO SEIXAS

MC

Transforme-se!

Seixas, Rinaldo

9788543302577

236 páginas

[Compre agora e leia](#)

A jornada da vida exige fé, obediência e determinação. Ao longo da história, homens e mulheres tementes a Deus que aprenderam a confiar experimentaram o poder restaurador e transformador do Criador. Eles e elas compreenderam que crer e confiar não nos afastam das turbulências da vida, mas nos tornam pessoas capazes de superar as tribulações mais difíceis. Se você precisa restaurar e transformar algum aspecto de sua vida, esta obra foi escrita pensando em você!

[Compre agora e leia](#)